

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CRISTIANE NEVES GIACOMINI

**UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE O ARQUÉTIPO DA MULHER NA
CIBERCULTURA.**

São Paulo

2017

CRISTIANE NEVES GIACOMINI

UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE O ARQUÉTIPO DA MULHER NA
CIBERCULTURA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Martins Bueno

São Paulo

2017

G429u Giacomini, Cristiane Neves.

Um olhar contemporâneo sobre o arquétipo da mulher na
cibercultura / Cristiane Neves Giacomini

64 f. ; 30 cm |

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) –
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

Orientadora: Marcelo Martins Bueno.

Bibliografia: f. 62-64.

1. Arquétipos. 2. Redes Sociais. 3. Mulher contemporânea.

CDD 003.5

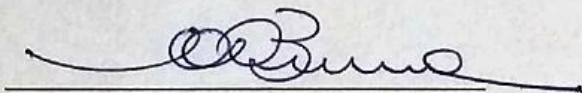
CRISTIANE NEVES GIACOMINI

UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE O ARQUÉTIPO DA
MULHER NA CIBERCULTURA.

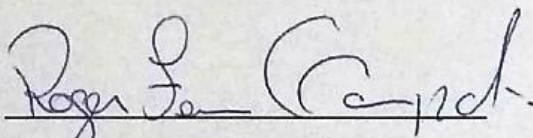
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Data: 21/08/2017.

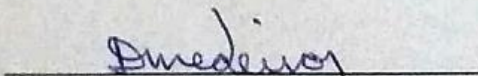
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo Martins Bueno
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. Roger Fernandes Campato
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. Djalma Medeiros
Faculdade de São Bento/SP

Agradecimentos

Primeiramente, a Deus.

A minha família, minha querida avó Dona Ondina e ao tio Ronaldo sempre solícitos.

Agradeço ao meu marido Leandro, por sua cumplicidade incondicional.

Agradeço à minha amiga Alessandra Smaniotto, pelo incentivo sempre.

Aos colegas Rogério, Sandra e Thais, pelo apoio e amizade.

As professoras Dra. Elcie e Dra. Ingrid, pelas aulas incríveis.

Ao meu orientador Professor Dr. Marcelo, pelo incentivo na minha jornada.

Não há nem primeira palavra nem derradeira palavra. Os contextos do diálogo não têm limite. Estendem-se ao mais remoto passado e ao mais distante futuro. Até significados trazidos por diálogos provenientes do mais longínquo passado jamais hão de ser apreendidos de uma vez por todas, pois eles serão sempre renovados em diálogo ulterior... pois nada é absolutamente morto: todo significado terá algum dia o seu festival de regresso ao lar. (Mikhail Bakhtin)

Resumo: Esta dissertação tem como objetivo principal a análise de alguns conceitos fundamentais para a compreensão da contemporaneidade, principalmente no que se refere às novas tecnologias que a sociedade tem se utilizado nos últimos anos. Buscamos realizar uma breve reflexão histórica da tecnologia em questão para melhor compreender o fenômeno contemporâneo que ocorre via redes sociais. Como ponto de partida nos utilizamos da história do computador, bem como da Internet e das redes sociais. Nossa sustentação teórica é embasada em Pierre Levy, referência na atualidade para os conceitos de cibercultura e ciberespaço. Esta pesquisa discute a mulher contemporânea, através do conceito do arquétipo da mulher selvagem desenvolvido pela autora Clarissa Pinkola Estés em seu livro *Mulheres que correm com os lobos*. Concluimos nossa análise conceituando o arquétipo por meio de Mircea Eliade e de fundamentos da teoria de Carl Gustav Jung.

Palavras-chave: arquétipos; redes sociais; mulher contemporânea.

Abstract: This dissertation has as main objective the analysis of some fundamental concepts for the comprehension of contemporaneity, mainly in what refers to the new technologies that the society has been used in the last years. We seek to make a brief historical reflection of the technology in question to better understand the contemporary phenomenon that occurs through social networks. As a starting point we use the history of the computer as well as the Internet and social networks. Our theoretical support is based on Pierre Levy, reference nowadays for the concepts of cyberculture and cyberspace. This research discusses contemporary women through the concept of the archetype of the wild woman developed by the author Clarissa Pinkola Estés in her book *Women who run with the wolves*. We conclude our analysis by conceptualizing the archetype through Mircea Eliade and the foundations of Carl Gustav Jung's theory.

Keywords: archetypes; social networks; contemporary woman;

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: A TRAJETÓRIA DOS COMPUTADORES, INTERNET E DAS REDES SOCIAIS.....	13
1.1. Surgimento do computador	13
1.2. Invenção da Internet.....	16
1.3. O fenômeno das redes sociais	17
1.4. Dados sobre computadores, internet e redes sociais.....	19
1.4.1. Dados sobre a internet	19
1.4.2. Redes Sociais	20
1.4.3. Um olhar sobre a internet no Brasil	20
1.4.4 O início do Instagram	21
CAPÍTULO 2: A SOCIEDADE EM REDE: INTELIGÊNCIA COLETIVA OU ALIENAÇÃO GENERALIZADA.	24
2.1. Cibercultura e Ciberespaço	24
2.2. Contexto histórico da cibercultura	30
2.3. O movimento social da cibercultura	32
CAPÍTULO 3: A CULTURA DIGITAL E O CONCEITO DO ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM	37
3.1. O encontro com o arquétipo da Mulher Selvagem	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
BIBLIOGRAFIA	62

INTRODUÇÃO

Um olhar sobre o arquétipo da mulher contemporânea surge como uma tentativa de contextualizar as vozes presentes nos discursos femininos sobre o próprio feminino. Buscando a contemporaneidade de um lado por meio de uma análise do discurso em uma obra literária específica e, de outro pela cibercultura, e mais especificamente das redes sociais, partiremos de um breve histórico sobre o computador, utilizando como um dos teóricos fundamentais Clézio Fonseca Filho e sua obra *História da computação: o caminho do pensamento e da tecnologia* a qual nos traz subsídios para desenvolvermos uma visão sobre o surgimento e a trajetória dos computadores até os dias atuais. Demonstramos o fenômeno das redes sociais, além de um breve panorama a partir do relatório *Digital in 2016* produzido pela agência *We are Social*, fundamentando também um olhar sobre a internet no Brasil segundo dados concretos. Por fim, trazemos um breve histórico do início e da ascensão do *Instagram*, que nos colabora como um exemplo das redes sociais em evidência no Brasil atualmente.

Já num segundo momento, abordaremos a sociedade em rede, que a partir do pensamento de Pierre Levy, nos fornece referência para os conceitos pertinentes à reflexão sobre a Cibercultura. É nesta etapa que buscamos contextualizar o referido conceito, sob o viés de um movimento social, sendo este comunitário e de caráter não estável como adjetivo do que é digital. Deste modo, podemos considerar como um fenômeno contemporâneo a utilização das redes sociais como meio de interação “real” entre os usuários entre si e com o mundo. Nos últimos anos, sites de redes sociais como o *Facebook* e *Instagram*, vem sendo utilizados por mulheres que em comum descobriram-se na busca por uma apropriação do gênero.

Inicialmente, a presente pesquisa procurou analisar o discurso criado virtualmente, a partir da questão da maternidade, com isso nos deparamos com algo ainda maior e muito pertinente para a questão da história da cultura contemporânea. Foram analisados dois perfis do *Instagram*, que tem como objetivo compartilhar as “aventuras da maternidade”. Os sites analisados têm milhares de seguidores, gerando infindáveis comentários e discussões sobre vários assuntos referentes a mulher contemporânea. Tais páginas são o exemplo do que Levy chama de ciberespaço, já que criam um novo universo de comunicação, e conseqüentemente surgindo um novo campo onde se estimulam diálogos, dúvidas, compartilhamentos,

críticas e outras das mais diversas reações possíveis. Partindo do pressuposto que as mulheres têm buscado uma apropriação de gênero dentro das redes sociais, sendo este local comum para que mulheres encontrem outras mulheres que buscam o mesmo ideário. Neste sentido, percebemos que a maternidade contemporânea recria os espaços de aprendizado e compartilhamento, estes que antes eram vivenciados, predominantemente, no interior dos lares, pois os familiares tinham grande responsabilidade pela transmissão de uma cultura materna. Enfim, há inúmeros questionamentos referentes ao que é ser mulher na sociedade contemporânea, e sobre a essência do discurso que é criado, via redes sociais, para auxiliar no desempenho deste papel social.

Para contextualizarmos o arquétipo vivido pela mulher na contemporaneidade encontramos o conceito do arquétipo da mulher selvagem desenvolvido pela autora Clarissa Pinkola Estés em seu livro *Mulheres que correm com os lobos*. Considerando os discursos contemporâneos, e como exemplo deste, trazemos um coletivo denominado Não me Kahlo, que foi criado por mulheres para mulheres via redes sociais, e cujo objetivo comum está representado pelo reconhecimento e apropriação de gênero, e tendo o espaço virtual da internet e das redes sociais seu campo de atuação de dentro para fora das redes.

A leitura que fizemos do trabalho de Estés nos conduziu para inúmeros temas interessantes à época em que vivemos. Na atualidade se observa uma verdadeira revolução do empoderamento das mulheres, estas que se responsabilizam por suas próprias questões, colocando-se a frente ativamente na busca da resolução de seus problemas. Tal processo tem projetado grande relevância para as reflexões sobre esse movimento tal como se pretende fazer neste trabalho.

Por fim, essa dissertação aponta para as novas formas de conhecimento e é preciso preparar-se para os novos desafios dela demandados. Sabemos que as novas tecnologias da era digital modificaram todas as relações humanas, mais do que isso, elas contribuíram para a formação de uma nova configuração social que é gerada e geradora de mídias e tecnologias. Assim, atualmente os estudos referentes a cibercultura têm como fundamento essa nova configuração social, marcada pelas novas tecnologias e é em busca desta que pretendemos lançar um olhar contemporânea sobre o arquétipo da mulher.

CAPÍTULO 1: A TRAJETÓRIA DOS COMPUTADORES, INTERNET E DAS REDES SOCIAIS

1.1. Surgimento do computador

Ao analisar a História da Computação Fonseca Filho (2007) denomina de Pré-História tecnológica os dispositivos analógicos primitivos utilizados para realização de cálculos. Também fazem parte deste contexto os dispositivos analógicos modernos, bem como os primeiros computadores eletromecânicos que surgem entre os anos 1930 e 1940. Para este autor, só foi possível chegar aos computadores devido aos conhecimentos e técnicas acumuladas ao longo da história.

O aparecimento dos computadores digitais é precedido por dispositivos analógicos como o ábaco¹ e o quadrante².

No que se refere a construção de máquinas de cálculo, o século XVI representa um período central para a preparação da automação. Muitos dos princípios nos quais os sistemas de cálculo se baseavam, estarão presentes nos computadores digitais. Fonseca Filho destaca a seguir os elementos básicos dessas máquinas:

Um mecanismo através do qual um número é introduzido na máquina. Nos primeiros projetos isso era parte de um outro mecanismo, chamado seletor, tornando-se algo independente nas máquinas mais avançadas; Um mecanismo que seleciona e providencia o movimento necessário para executar a adição ou subtração das quantidades apropriadas nos mecanismos de registro; Um mecanismo (normalmente uma série de discos) que pode ser posicionado para indicar o valor de um número armazenado dentro da máquina (também chamado de registrador); Um mecanismo para propagar o “vai um” por todos os dígitos do registrador, se necessário, quando um dos dígitos em um registrador de resultado avança do 9 para o 0; Um mecanismo com a função de controle, para verificar o posicionamento de todas as engrenagens ao fim de cada ciclo de adição; Um mecanismo de ‘limpeza’ para preparar o registrador para armazenar o valor zero. (FONSECA FILHO, 2007, p. 86)

¹ “(...) capaz de resolver problemas de adição, subtração, multiplicação e divisão de até 12 inteiros, e que provavelmente já existia na Babilônia por volta do ano 3.000 a.C. Foi muito utilizado pelas civilizações egípcia, grega, chinesa e romana, tendo sido encontrado no Japão, ao término da segunda guerra mundial”. (FONSECA FILHO, 2007, p. 85).

² “O quadrante era um instrumento para cálculo astronômico, tendo existido por centenas de anos antes de se tornar objeto de vários aperfeiçoamentos. Os antigos babilônios e gregos como, por exemplo, Ptolomeu, usaram vários tipos de dispositivos desse tipo para medir os ângulos entre as estrelas, tendo sido desenvolvidos principalmente a partir do século XVI na Europa”. (FONSECA FILHO, 2007, p. 85).

Quando falamos sobre computador num viés histórico, lembramos de um estudioso referencia no assunto, o matemático e astrônomo inglês Charles Babbage. Durante a década de 1920, este cientista apresentou uma máquina com capacidade de realizar diferentes cálculos. Os dispositivos mecânicos de Babbage eram tão avançados que faltavam termos para se referir aos seus mecanismos: “Chamava o processador central de “usina” e referia-se à memória da máquina como armazém”. (FONSECA FILHO, 2007, p. 87). Ao longo da década de 1930, Charles Babbage encara o desafio de construir uma máquina de cálculo universal:

O pensamento era simples: se é possível construir uma máquina para executar um determinado tipo de cálculo, por que não será possível construir outra capaz de qualquer tipo de cálculo? Ao invés de pequenas máquinas para executar diferentes tipos de cálculos, não será possível fazer uma máquina cujas peças possam executar diferentes operações em diferentes tempos, bastando para isso trocar a ordem em que as peças interagem? (FONSECA FILHO, 2007, p. 88).

Outra importante referência para o desenvolvimento dos computadores foi o francês Joseph-Marie Jacquard (1752-1834). Ele foi responsável por automatizar a produção em tecelagens por meio de cartões que configuravam diferentes modelos de desenhos. Como afirma Fonseca Filho (2007, p. 90): “Babbage despertou para seu novo projeto observando a revolução produzida pelos teares de Jacquard”.

O princípio do uso de cartões como modo de programação irá influenciar também o cálculo e as ordenações necessárias para elaboração de censos. Com o uso dessa técnica e sob influência de Jacquard, Herman Hollerith ganhou grande notoriedade nos Estados Unidos que passa a utilizá-la em larga escala para interpretação e organização das informações no final do século XIX.

Tendo em vista os conhecimentos fundamentais, especialmente da matemática e da eletromecânica que irão contribuir para o surgimento dos computadores digitais, o início do século XX será marcado pelos desafios estratégicos da busca por maior precisão dos cálculos balísticos. Tal realidade aprofunda o conhecimento matemático de pesquisadores dos Estados Unidos e da Inglaterra. (FONSECA FILHO, 2007).

O início do século XX também foi marcado por um importante salto tecnológico no campo da eletricidade. De modo que:

As novas descobertas da indústria e da ciência no campo da eletricidade – proporcionando rapidez e precisão aos equipamentos – juntamente com a limitação dos equivalentes analógicos eletromecânicos, acabaria por impor a nova tecnologia de circuitos. Uma nova era da Computação começava a ser desvelada. (FONSECA FILHO, 2007, p. 98).

Os primeiros projetos de dispositivos capazes de realizar cálculos automáticos começam a surgir na década de 1930. Nessa época, considerava-se que os conhecimentos necessários para desenvolver as técnicas imaginadas por Babbage haviam se tornado realidade. Um personagem central dessa época foi o cientista alemão Konrad Zuse (1910-1995). Ele estabelece a base do sistema de cálculo automático em três unidades: uma controladora, uma memória e um dispositivo de cálculo. Porém, “as máquinas de Zuse tiveram pouco impacto no desenvolvimento geral da Computação pelo absoluto desconhecimento delas até um pouco depois da guerra”. (FONSECA FILHO, 2007, p. 102).

Esse período ainda será marcado por enormes contribuições de pesquisadores dos laboratórios de computação de Harvard para o aperfeiçoamento dos dispositivos voltados para realização de cálculos matemáticos. Concomitantemente, as máquinas de calcular produzidas pela IBM começam a ganhar o mercado.

Na década de 1940 a segunda Guerra Mundial impõe uma série de melhorias nas tabelas de cálculo balístico. O que leva a criação de grupos de pesquisa na Universidade da Pensilvânia (Filadélfia, Estados Unidos) voltados para o desenvolvimento de projetos voltados a criação de um sistema de radar. Nesse processo surge o que é considerado como o primeiro computador eletrônico, o ENIAC (*Electronic Numerical Integrator and Computer*) que começa suas operações em 1943, finalizando-as em 1955. O ENIAC é seguido de dois outros grandes projetos de computadores o EDIVAC (*Electronic Discrete Variable Automatic Computer*) e o EDSAC (*Electronic Delay Storage Automatic Calculator*), cada projeto contribuindo com diferentes melhorias em relação aos projetos anteriores. Diante deste contexto Fonseca Filho afirma:

Quando se terminou o ENIAC, era tarde para utilizar tal equipamento no esforço de guerra, mas certamente foi possível realizar o objetivo dos seus inventores: um cálculo balístico, que poderia tomar vinte horas de um especialista, seria agora feito pela máquina em menos de 30 segundos. Pela primeira vez a trajetória de um míssil poderia ser calculada em menos tempo do que levava o míssil real para atingir seu alvo. ○ primeiro problema

a ser resolvido por essa máquina foi um ensaio de cálculo para a bomba de hidrogênio, então sendo projetada. (FONSECA FILHO, 2007, p. 119).

Os computadores modernos, juntamente com dispositivos como impressoras e discos de armazenamento, surgem na década de 1950. O desenvolvimento tecnológico dos computadores sofre grande impulso a partir do desenvolvimento da linguagem de programação e dos sistemas operacionais. A década de 1970 é marcada pelo surgimento dos supercomputadores e pelo desenvolvimento dos processadores.

Os saltos tecnológicos da década de 1970 integram os computadores a outros dispositivos tecnológicos, permitindo torná-los máquinas de comunicação. Fonseca Filho (2007) analisa que:

A mais recente evolução da Computação foi o resultado da rápida convergência das tecnologias de comunicação de dados, de telecomunicação e da própria informática. É a Internet, ou o modelo computacional baseado em uma rede, que teve suas origens nos anos da década de 1970, como um esforço do Departamento de Defesa dos EUA para conectar a sua rede experimental, chamada ARPAnet, a várias outras redes de rádio e satélites. Espalhou-se logo em seguida nos meios acadêmicos e está bastante popularizada. (FONSECA FILHO, 2007, p. 130).

1.2. Invenção da Internet

Ao analisar a origem da internet CASTELLS (1999), se refere aos seus criadores como “guerreiros tecnológicos”. A Internet foi criada por cientistas da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA). Segundo o autor, tratava-se de um projeto que visava impedir a destruição do sistema de comunicação americano pelo exército soviético, caso ocorresse a temida guerra nuclear. A partir desse sistema de comunicação, o Departamento de Defesa americano cria a ARPANET, como CASTELLS (1999) o descreve sob um aspecto importante que irá caracterizar a rede do sistema de internet:

O resultado foi uma arquitetura de rede que, como queriam seus inventores, não pode ser controlada a partir de nenhum centro e é composta por milhares de redes de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão, contornando barreiras eletrônicas. (CASTELLS, 1999, p.44).

Este sistema de comunicação criado para fins militares, representa a base de um sistema de comunicação global na qual indivíduos e grupos de naturezas diversas puderam explorar de diferentes modos.

1.3. O fenômeno das redes sociais

O que se tratará nesta seção, é que diz mais diretamente a minha pesquisa. Abordaremos sobre o conceito de redes sociais concernente aos meios tecnológicos, mais especificamente a Tecnologia da Informação e o advento da Internet. Entretanto, paralelamente, sendo uma forma de contextualizar o assunto, o termo "rede social" pertencente ao âmbito sociológico também será referenciado em alguma medida.

As redes sociais, na Tecnologia da Informação podem ser definidas como um serviço baseado na web, possibilitando aos indivíduos que intencionalmente constituem um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema; também permite articularem uma lista de outros usuários que, na maioria das vezes, apresentam interesses semelhantes e que, como os primeiros indivíduos, compartilham de uma conexão; além disso, identificam suas listas de conexões e, em alguns casos, as listas de conexões feitas por outros usuários dentro deste sistema (CABRAL, 2016). Esta primeira definição pode até parecer simples, visto que é um mecanismo acessível e simples para todos os usuários da internet, mas representa a concepção de redes sociais de parcela considerável. Complementarmente pode-se dizer que o compartilhamento de arquivos tornou possível a circulação de qualquer conteúdo digital. E nesta medida, além de adquirir caráter democrático de mídia, de informação e notícia, as redes sociais também se tornaram mecanismos capazes de influenciar comportamentos individuais e coletivos, modificando a dinâmica das relações sociais. Evidentemente que se faz necessário refletirmos criticamente qual é essa capacidade democrática das redes sociais diante de uma organização social tributária de um sistema-mundo desigual em diversos aspectos, como o econômico, político e cultural, por exemplo. Mas neste primeiro momento, estas definições são suficientes para mérito de contextualização.

Continuando na definição de redes sociais, as concepções modernas e contemporâneas nos remetem a uma definição de sistemas de relações, num

sentido de tecido social de poder, que perpassa diversas áreas de conhecimento com interesses e fins variados. Em um contexto de relação espacial e com a sociedade, entende-se as redes como sendo fios isolados que se ligam uns aos outros. Nesta medida, é impossível compreender a rede a partir de análises de fios isoladamente, sendo necessário considerar as relações que esses fios estabelecem entre si e como mantêm reciprocidade em suas relações, embora em sua individualidade possam se alterar a partir de tensões ou da estrutura interna da própria rede (ELIAS, 1994).

Conciliando as concepções apresentadas até aqui com o entendimento concebido e difundido por Pierre Levy, é possível afirmar que a construção das redes sociais é coletiva e não predeterminada. Trata-se de um processo emergente que mantém sua existência através de interações entre os envolvidos, sendo interações desenvolvidas a partir da participação dos integrantes e entre eles. Nesse sentido Levy diz que: "Nos principais, os cruzamentos, os computadores da computação social, colhendo, filtrando, redistribuindo, fazendo circular a informação, a influência, a opinião, a atenção e a reputação" (Levy, 2010, p. 12). O que Levy está demonstrando nessa afirmação é a existência daquilo que ele chamou de ciberespaço na elaboração de sua teoria, que é um espaço virtual, o qual é ampliado pelas redes digitais de comunicação e informação a partir do contato virtual com todos e com cada indivíduo.

A internet é uma trama de relacionamentos virtuais, por exemplo, se fizermos uma simples pesquisa no *Google* pelos termos "*blog* de maternidade", encontraremos um resultado com cerca de 19.700.000, já buscando "*blog* sobre moda" serão 22.000.000, e "*blog* sobre filosofia" 12.000.000 resultados. Cabe aqui reconhecer a importância de um diálogo que é criado via *blog*, ou seja, se a intenção é compartilhar conhecimento sobre a maternidade ou outros temas, sabemos que há um espaço virtual propício para tal. Sabemos que hoje, a internet e especificamente os *blogs*, tem uma intenção diretamente comercial, seja pelo número de acessos, seja pela venda de produtos. Embora, também exista um espaço para o debate, não é muitas vezes um debate mediado, até porque a característica do debate virtual é tornar-se uma forma deliberativa, e talvez o objetivo principal de certos espaços esteja mais focado para o comercial do que para a informação sem algum cifrão por detrás.

1.4. Dados sobre computadores, internet e redes sociais

1.4.1. Dados sobre a internet

Para estudar as questões que envolvem o uso de computadores, internet e redes sociais, se faz necessário um levantamento dos dados referentes a esses elementos. Em 2017 foi publicado o relatório *Digital in 2016*³ produzido pela agência *We are Social*. Tal publicação foi elaborada por meio de uma compilação de dados oficiais das Nações Unidas, que incluíam recenseamentos dos diferentes países e dados de diversas instituições de pesquisa espalhados pelo mundo. Trata-se de uma das publicações mais relevantes para os estudos quantitativos e qualitativos sobre a dinâmica atual do uso de computadores, internet e redes sociais.

Com base nos dados do relatório *Digital in 2016* podemos considerar que, atualmente a população mundial está estimada em 7,3 bilhões de habitantes, sendo 54% desses, habitantes de cidades. Nesse montante, há 3,4 bilhões de usuários de internet distribuídos em diferentes partes do planeta, geralmente concentrados nas áreas urbanas. Aqueles que utilizam a internet por meio das redes sociais representam 2,3 bilhões de pessoas. Desses, 1,9 bilhão utilizam as redes sociais por meio de seus celulares.

O crescimento de usuários de internet no mundo tem demonstrado um comportamento acelerado. O uso de internet e das redes sociais apresentam uma taxa de crescimento de 10% a cada ano. Já o uso de celulares para atividade em redes sociais apresenta uma taxa de 17%.

No Brasil, 58% da população tem acesso à internet. Esta taxa está próxima a taxa de países como Turquia, Tailândia e Nigéria. Apesar de ser superior à média global, o valor está muito abaixo do registrado em países desenvolvidos como Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Japão e Coreia do Sul que ultrapassam a taxa de 90% de usuários de internet em relação ao total de sua população. Países como Níger, Chade e Somália menos de 5% da população total tem acesso à internet.

³ Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/special-reports/digital-in-2016>.

Os usuários de internet, representando 46% da população mundial, ainda estão desigualmente distribuídos pelo planeta. Enquanto na África e no sul da Ásia o percentual de usuários de internet não atingiu os 30% do total de suas populações, na Europa e na América do Norte este percentual ultrapassa 80% da população, na América do Sul está taxa se encontra em 60%.

A maior parte do uso da internet ocorre por meio dos computadores, representando 56%, e em segundo lugar vem os celulares com 39% de uso. Sendo o restante do uso de internet correspondente à aparelhos como tablets, videogames e demais aparelhos.

1.4.2. Redes Sociais

No que se refere as redes sociais, no mundo há 2,3 bilhões de usuários que representam cerca de 31% da população mundial. Desse conjunto, cerca de 27% da população mundial utiliza as redes sociais através de seus celulares, representando um total de 1,9 bilhões de pessoas.

No Brasil 49% da população total utiliza as redes sociais, superando a média global e apresentando um percentual próximo aos de muitos países desenvolvidos. O Brasil desponta como um dos países com o maior tempo médio dedicado às redes sociais pelos seus usuários. Com uma taxa de cerca de 3,3 horas diárias. Cerca de 42% dos brasileiros acessam as redes sociais por meio dos celulares, sendo a média global uma taxa inferior de 27%.

Entre as principais redes sociais se destacam o *Facebook* com mais de 1,5 bilhão de usuários, o *WhatsApp* com 900 milhões, o *Instagram* com 400 milhões, o *Twitter* com 320 milhões o *Skype* com 300 milhões, o *Snapchat* com 200 milhões e o *LinkedIn* com 100 milhões de usuários aproximadamente.

1.4.3. Um olhar sobre a internet no Brasil

O Brasil possui uma população de cerca de 208 milhões de habitantes, desse montante 86% vive em cidades. Segundo dados de 2016, o país possui 120 milhões de usuários de internet e 103 milhões de usuários de redes sociais. No Brasil 88 milhões de usuários de redes sociais utilizam seus celulares para suas atividades.

Em termos de crescimento, o país apresenta uma taxa de 13% no que se refere ao aumento do uso da internet. Enquanto as redes sociais cresceram a uma taxa de 7% no último ano. Em relação aos celulares, o Brasil apresentou um crescimento de 3% na quantidade de linhas telefônicas móveis, já o crescimento do uso dos celulares para acessar as redes sociais atingiu uma taxa de 13%.

Em relação aos aparelhos digitais, no Brasil, 91% da população possui celulares, 53% possui *smartphones*, 36% computadores (*desktop* e *notebook*), 13% possuem tablets e 6% *SmartTVs*.

No que se refere ao tempo dedicado ao uso da internet os brasileiros destinam cerca de cinco horas diárias em seus computadores, já o uso de internet no celular corresponde a aproximadamente 4 horas diárias. Deste período cerca de 3,3 horas são dedicadas às redes sociais. Para efeito de comparação, podemos considerar o dado que indica que o brasileiro em média dedica 2,4 horas em aparelhos televisivos.

Em relação à frequência do uso de internet no Brasil, 78% dos brasileiros utilizam a internet diariamente. No Brasil, 14% da população acessa a internet uma vez por semana, 6% uma vez por mês e apenas 2% utilizam a internet com intervalos superiores a um mês.

Entre as principais redes sociais utilizadas no Brasil se destacam o *Facebook*, o *Google+*, *Instagram*, o *Twitter* e o *LinkedIn*.

Quanto ao uso da internet para diferentes atividades. Em 2016 entre os usuários de internet no Brasil, 44% contratam pelo menos um tipo de serviço pela internet a cada 30 dias e 52% dos usuários pesquisam produtos e serviços mensalmente e 46% dos usuários visitam alguma loja online pelo menos uma vez por mês. As compras online são realizadas através do computador por cerca de 41% dos usuários, já nos celulares por 21%.

1.4.4. O início do *Instagram*

O *Instagram* na sua primeira versão era apenas para o modelo de *smartphone* da *Apple iPhone*, escolhido especificamente para fazer a análise, é uma rede social que inicialmente tinha como propósito compartilhamento de imagens, hoje já possui ferramentas para vídeos ao vivo, vídeos temporários e *lives* que são ferramentas fortes de vendas que aliados a uma janela de bate papo é uma sala de debate em

tempo real.

Segundo o *site* da Revista Exame⁴ sobre Michel Krieger o criador do *Instagram* que vendeu aos 24 anos o aplicativo para o *Facebook* por 1 bilhão de dólares, esse paulistano de 28 anos, filho de alto executivo do ramo de bebidas, mudou-se do Brasil antes dos 5 anos, retornando ao país onde estudou na famosa escola bilingue Graded já em São Paulo. Aos 9 anos, na década de 90 ganhou um computador que iniciou o desenvolvimento de sua familiaridade. Como todas as crianças, o intuito do uso de computadores eram os jogos eletrônicos, ocasionalmente o seu preferido o *Gorillaz* através do MS-DOS tinha o desenvolvimento de habilidades como a programação. Ainda na escola e em dúvida quanto ao seu futuro, como qualquer adolescente antes de ingressar na universidade, ainda se questionava se iria para USP, ou para outra das universidades que já o tinham aceitado, sua escolha foi Stanford nos Estados Unidos, onde destacou-se e foi aceito pelo concorrido grupo de estudos de sistemas simbólicos. Também participou durante a faculdade de grupo seletivo o Mayfield Fellows para os melhores alunos onde ocasionalmente conheceu durante uma festa o seu futuro sócio Kevin Systrom que mudaria radicalmente, alguns anos mais tarde, a sua história para sempre.

Systrom também seguiu um caminho semelhante a Krieger, trabalhando na Odeo que virou o *Twitter* e depois o *Google*. Após concluir a faculdade e fazer um mestrado, Michel Krieger foi trabalhar na Meebo, uma *startup* que hoje faz parte do *Google*. Os dois também compartilhavam de duas coisas, a primeira é que já estavam trabalhando no Vale do Silício, segunda e tão importante quanto à primeira: a ambição de criar um negócio próprio com o intuito de trabalhar para eles mesmos. O brasileiro Krieger teve a chance de se tornar um milionário anos antes quando foi convidado a desenvolver o Peixe Urbano, acabou virando uma piada entre os amigos mais íntimo, que perdeu a graça logo em seguida, quando a amizade com Systrom virou uma parceria focada no futuro empreendimento.

Foi Systrom que trouxe os primeiros 500 mil dólares em investimentos de risco, e apresentou o aplicativo apelidado carinhosamente de *Burbn*, fazendo referência a bebida Bourbon apreciada por ele. Sem muitas peculiaridades, o aplicativo ainda muito “rústico” e semelhante ao *Foursquare*, foi aperfeiçoado por Krieger. Ali começou a parceria dos dois futuros grandes empreendedores da tecnologia atual.

⁴ <http://exame.abril.com.br/negocios/o-retrato-do-bilionario-kevin-systrom-fundador-do-instagram/>

Porém, os primeiros testes não foram positivos, e o aplicativo beirava o fracasso. Após uma época de dedicação intensa ao desenvolvimento do aplicativo, os dois sócios tombaram a ideia inicial de geolocalização e a opinião dos lugares visitados e focaram somente em aprimorar o compartilhamento de fotos. Surgiu então o *Codiname*, nome provisório que ficou de molho por alguns dias, enquanto, num final de semana de descanso e numa conversa despreziosa na beira de uma praia no México, eis que surge um insight de Kevin Systrom, sobre a necessidade de filtros no aplicativo, algo que se tornou a referência e quase que uma necessidade perante uma realidade que surge, já que o aplicativo relaciona-se ao fenômeno das fotos instantâneas via *Instagram*.

Logo o protótipo do *Instagram* estava criado e no dia 06 de outubro de 2010 foi lançado na *App Store* com 25.000 *downloads* somente no primeiro dia. Os dois criadores tiveram de trabalhar para resolver problemas, já que não estavam preparados para um número relevante de *downloads*, na verdade a expectativa de ambos era bastante baixa.

Em 2012 o *Instagram* chegou aos 30.000 milhões de downloads sendo comparado com outro fenômeno das redes sociais, o Facebook, este que, naquele ano foi estabelecido como a maior rede social do mundo com o pico de 1 bilhão de usuários ativos.

CAPÍTULO 2: A SOCIEDADE EM REDE: INTELIGÊNCIA COLETIVA OU ALIENAÇÃO GENERALIZADA.

2.1. Cibercultura e Ciberespaço

Pensarmos o mundo contemporâneo é refletirmos criticamente sobre as questões e conflitos que nos apresentam cotidianamente, dentre os quais invariavelmente envolvem a tecnologia e suas possibilidades. A partir das exigências de dinamicidade do mundo moderno, é muito comum sofrermos diretamente o impacto das tendências tecnológicas, sendo necessário trazê-las ao contexto de nossas vidas e usá-las nas nossas relações mais imediatas e cotidianas.

Hoje muitas atividades se dão na esfera do virtual, de resoluções políticas, discussões e opiniões expressas, até pessoas que colocam a sua vida e de sua família na exposição total via as redes sociais, e ainda fazem disto um trabalho em algumas vezes realmente rentáveis.

Temos no Brasil, um exemplo disso os *blogs*, que, além de uma figura responsável por cada um deles, há ainda uma equipe de profissionais nos bastidores, chegando a lucrarem milhões com a rede de anúncios que se vende nestes. Cada vez mais nossas relações humanas e sociais estão sendo mediadas por inovações tecnológicas, como as novas formas de comunicação que surgem através da fácil manipulação e acesso a internet por meio de computadores, tabletes, celulares e afins. Desta forma, é muito complexo definir tanto as implicações sociais quanto culturais da cibertecnologia, já que, os computadores são utilizados para variados fins, desde o simples uso doméstico até o desenvolvimento de fins científicos (LEVY, 2010).

Quando surgem os novos espaços de comunicação é essencial compreender quais são os novos caminhos que se criam. Nesse sentido, também é considerado como ocupação fundamental dos intelectuais os desdobramentos dos conceitos, a fim de esclarecer a complexidade dos efeitos da cibercultura (SANTAELLA, 2003). Se o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento de pessoas a partir de novas formas de comunicação (LEVY, 2010), é importante refletirmos sobre o impacto da influência nas esferas que esta atinge. De tal forma que:

Já está se tornando lugar-comum afirmar que as novas tecnologias da informação e comunicação estão mudando não apenas as formas do entretenimento e do lazer, mas potencialmente todas as esferas da sociedade: o trabalho (robótica e tecnologias para escritórios), gerenciamento político, atividades militares e policiais (a guerra eletrônica), consumo (transferência de fundos eletrônicos), comunicação e educação (aprendizagem a distância), enfim, estão mudando toda a cultura em geral. (SANTAELLA, 2003, p. 23).

Diante da velocidade das transformações, que se apresentam no campo da cibercultura, o filósofo Pierre Levy, referência no assunto, considera-se otimista e de certo modo realista, uma vez que, reconhecendo os avanços tecnológicos e suas implicações, crê que não é a própria tecnologia que salvará o mundo num passe de mágica, mas que pode sim, ser entendido como um processo promissor.

Tendo como perspectiva a cibercultura, a convicção de Levy está em considerar dois pontos essenciais: o primeiro tem a ver com “[...] o crescimento do ciberespaço, que resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas propõem” (LEVY, 2010, p. 11); já o segundo, está relacionado a este espaço criado, no qual: “[...] estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano” (LEVY, 2010, p. 11). Ou seja, a realidade na qual as transformações estão ocorrendo já está dada, cabe agora aos pesquisadores refletirem e discutirem sobre o impacto gerado.

Com isso, o novo formato de comunicação que é criado a partir do crescimento do ciberespaço e do desenvolvimento de novas estruturas de comunicação é um campo de indispensável estudo. De modo que, se torna comum alguns conceitos contemporâneos se confundirem entre si, pelo seu caráter próprio de inovação, em que os fenômenos estão em plena atividade, sem vistas às suas consequências futuras.

As ciências sociais têm se debruçado nas questões da implicação da tecnologia na vida cotidiana, no Brasil temos como uma das principais referências no assunto uma autora de mais de 40 obras, Lúcia Santaella, que considera a cultura intermediária que se cria entre a cibercultura e a cultura das massas uma extensão da cultura das mídias, como segue no excerto:

É, isto sim, uma cultura intermediária, situada entre ambas. Quer dizer, a cultura virtual não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo

semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais a que chamo de “cultura das mídias”. Esses processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura virtual ora em curso. (SANTAELLA, 2003, p. 24).

É também por esse caminho que Levy busca apresentar algumas das características mais elementares destes conceitos que chamamos de cibercultura e ciberespaço: “[...] o digital, fluido, em constante mutação, seja desprovido de qualquer essência estável. Mas, justamente, a velocidade de transformação é em si uma constante – paradoxal – da cibercultura”. (LEVY, 2010, p.27). Ou seja, o que é oriundo do digital não tem característica essencial estável. Somente, podemos chamar de constante a própria velocidade das transformações que são acarretadas pela chegada da tecnologia na vida das pessoas, peculiar da própria cibercultura.

Para falar diretamente do conceito da cibercultura, é essencial voltarmos a falar sobre tecnologia, e conseqüentemente retornarmos à reflexão conceitual do termo “técnica”. Para tanto, trazemos uma breve colocação referente a ambos. Com isso, rapidamente voltaremos o olhar para o sentido etimológico. A respeito da técnica e da tecnologia, vale focar o olhar também para o sentido epistemológico, como segue no excerto:

Se pensamos em técnica, certamente, o que nos vem à mente é uma acepção em torno da habilidade de/para fazer algo, uma espécie de conhecimento específico para Técnica, tecnologia e tecnociência que uma determinada função seja desempenhada. Entretanto, se formos um pouco mais a fundo, encontramos *téchnē*, ou seja, a técnica no sentido de *arte*. Porém, quando pensamos na tecnologia, pensamos, quase que instantaneamente, em um processo mais elaborado, responsável pela criação e pelo desenvolvimento de inúmeros produtos, e no estudo científico que envolve tal processo criatório. Novamente, etimologicamente falando, *tecnología* é o próprio dizer da técnica, ou seja, o modo como ela é organizada, elencada, sistematizada e pensada. (KUSSLER, 2003, p. 25).

Etimologicamente tecnologia traz em si a *techne*, originária do grego que equivale a técnica, assim como o *logos* que muito superficialmente podemos chamar apenas de discurso ou razão. Contudo, discutir o conceito de tecnologia por si só, já é algo complexo, assim como os conceitos relacionados a cibercultura, que como fenômeno não é isolado. Sendo sim, imbricado de vários outros conceitos que se unem para explicá-lo ou mesmo para fazê-lo existir.

Vale salientar que é a característica essencial da técnica, no âmbito digital, a ambivalência e a multiplicidade de objetivos (LEVY, 2010).

Portanto, vale refletir sobre o desenvolvimento da tecnologia, e da impactante velocidade das transformações. Levy define este como um movimento de desapossamento daqueles sujeitos ligados à tecnologia, quando suas vidas sofrem algum tipo de repercussão, sejam eles os profissionais que sofreram implicações diretamente em sua rotina, com a chegada da tecnologia, transformados em obsoletos; ou ainda na medida em que algumas profissões foram extintas. Na mesma esteira, pode-se afirmar que esse mesmo desapossamento, ou há aqueles que dirão, "desencanto de mundo", acometeu aqueles que, por falta de acesso, não estiveram conectados com a realidade da tecnologia e não conseguiram acompanhar as exigências de atualização, sofrendo reflexos da exclusão ainda mais intensamente.

De uma forma geral, o ser humano ao se deparar com o desconhecido e/ou com a velocidade das mudanças, tem um sentimento de estranhamento proporcionalmente maior de acordo com as alterações que se manifestam, isto sendo ainda mais evidente com as questões tecnológicas. Da perspectiva que se desenvolve toda a teoria de Pierre Levy, esse sentimento cresce conforme há uma separação entre os processos sociais, surgindo uma nova necessidade, que é a ideia de uma inteligência coletiva, considerada como o verossímil combustível para a cibercultura. A inteligência coletiva contrapõe-se ao que caracteriza as organizações sociais, como segue na passagem a seguir:

De fato, o estabelecimento de uma sinergia entre competências, recursos e projetos, a constituição e manutenção dinâmicas de memórias em comum, a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais, a distribuição coordenada dos centros de decisão, opõem-se à separação estanque entre as atividades, às compartimentalizações, à opacidade da organização social". (LEVY, 2010, p 29).

Considerando as novas possibilidades de reorganização e ressignificação da realidade que o contexto da cibercultura sugere, apresenta-se assim o conceito de inteligência coletiva, que o autor estabelece como sendo aquele absolutamente necessário, tendo em vista que é a sua dinâmica que se manifesta, enquanto uma importante engrenagem para o bom funcionamento do sistema. Segundo ainda o pensamento de Levy, pode-se até questionar o quanto esse mecanismo da inteligência coletiva é eficaz, mas o que não se pode negar é que ela é essencial. É através da inteligência coletiva que os seres humanos vão se apropriando das

alterações técnicas, que, como visto anteriormente, causam um estranhamento inicial; e ainda, é essa mesma inteligência que evita que aconteça maiores efeitos de destruição e de exclusão resultantes do acelerado processo do movimento tecnossocial.

Parece-nos que neste momento faz-se necessário reivindicarmos um instante para fazermos um alerta acerca dessa ideia de inteligência coletiva em relação a sociedade em rede. A internet, está sim, é muito presente no mundo contemporâneo, mas não podemos nos esquecer do lugar de onde falamos. Estamos nas grandes metrópoles. No Brasil mesmo, existe uma segregação geográfica impiedosa. Existem dados que demonstram que no norte e o nordeste do país o uso da internet é bem distinto e menor do que do Sudeste. Ainda, dentro das próprias metrópoles, a segregação econômica, e outras vezes geográfica, limita ou impede que o acesso à internet seja irrestrito ou um mínimo de qualidade necessária para uma boa navegação. Ou ainda, o acesso a informação e a formação das pessoas que utilizam das ferramentas da internet também é determinante na definição dos conteúdos acessados ou produzidos. Ou seja, essa ideia de sociedade em rede na qual a inteligência coletiva habita deve ser apreendida com olhar crítico. Não nos parece que as inteligências individuais compartilhadas na rede realmente se somam; antes, suspeitamos que exista inteligências que se sobreponham a muitas outras, isso em decorrência do que já exemplificamos, como a formação, o acesso a informação, o capital cultural, a disponibilidade de hardwares e softwares de qualidade, acesso a internet de qualidade etc., de certos sujeitos que as produzem. Um fenômeno que exemplifica bem essa questão é a da exacerbada exposição da opinião via discussões virtuais, muitas vezes sem preceitos, carregados de julgamentos, sobrecarregados de preconceitos e imersos ao senso comum.

Ainda, nessa mesma esteira, podemos tentar fazer uma crítica à ideia de inteligência coletiva a partir do conhecimento colaborativo defendido por Levy. O autor defende que a inteligência de cada indivíduo é disponibilizada, somada e, por fim compartilhada em nível mundial. Assim, a inteligência coletiva assumiria a responsabilidade de uma nova forma de produção e troca de saberes, na qual todos os indivíduos são tributários. Poderíamos nos perguntar, quem produz e quem consome as informações? Inegavelmente a internet viabilizou maior poder de mídia

ao todo social, mas viabilizar meios de mídia é suficiente para se produzir informação? Assim como no fragmento a seguir se fundamenta nossa reflexão:

Antes de tudo, deve ser declarado que essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão de informação. Por isso mesmo, não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais. (SANTAELLA, 2003, p. 24).

O próprio Levy parece reconhecer que essa inteligência coletiva não seja constituída apenas de inteligência individuais compartilhadas e posteriormente somadas; antes, existem diversas variáveis que influenciam a formação da inteligência coletiva.

Mantendo-se na mesma linha, temos os “groupwares”, disponibilizados por alguns sistemas de ensino a distância, onde ocorre a troca de ideias sobre os mais variados temas. Assim como a constituição e a troca de conhecimentos, são o exemplo do que é o ciberespaço designado como “dispositivo de comunicação, interativo e comunitário” (Levy, 2010, p.29). Sendo assim, uma das definições que se pode estabelecer é que o ciberespaço é um instrumento e também o suporte para o desenvolvimento da inteligência coletiva.

Não existe dúvidas de que o novo contexto que se apresenta a partir da cibercultura e dos ciberespaços veio para ressignificar as relações humanas e sociais contemporâneas. Muitos aspectos positivos podem ser ressaltados e são reconhecidamente benéficos para a sociedade. Entretanto, todas as transformações carregam consigo necessidades de ajustes em variados graus, que na verdade se mantêm em toda a sua existência no sentido de se adequar às demandas que surgem e se transformam a todo o tempo. Através das redes digitais interativas também surgiram alguns tipos de inconvenientes, como estresse gerado pelo abuso das redes, dependência, vício de navegação, isolamento, exploração através do trabalho vigiado, e problemas como uso de imagens sem permissão, vazamento de informações e imagens pessoais e até mesmo o roubo destas. Estas são ocorrências que devem ser alvo de maiores atenções e estudos, contudo, não é objeto de reflexão desta dissertação.

Retomando então, percebe-se que a maior vantagem viabilizada por meio do ciberespaço, por intermédio do desenvolvimento dos processos de inteligência coletiva, é acelerar o ritmo da alteração tecnossocial, gerando assim, a necessidade de um contato cada vez mais efetivo e dinamizado com a cibercultura. Na mesma medida, conseqüentemente também acontece a exclusão radical de quem não esteja adaptado, ou melhor, que não tenha acesso ou que por escolha própria não queira se inserir aos movimentos de apropriação e compreensão do meio. Em última instância, podemos dizer que o movimento de inserção ao contexto da cibercultura seja um tanto quanto pragmático, pois ninguém consegue adentrar por completo nele, pois o material é infinito para se ter acesso em sua integralidade e plenitude; em contrapartida, não participar de modo algum ou em quantidades concebidas como insuficientes gera a exclusão.

2.2. Contexto histórico da cibercultura

A ascensão da tecnologia, em seus primórdios, era reconhecida apenas por visionários. Dificilmente, antes de serem disseminados nos anos 60, os primeiros computadores, que surgiram em 1945 nos Estados Unidos e Inglaterra, eram reservados para o uso de cálculos científicos dos militares, poderiam ser considerados influentes para o cotidiano da vida da maioria das pessoas que ocupavam o globo terrestre. De início, os computadores eram gigantes máquinas de calcular, ocupando salas isoladas, assim como utilizadas apenas pelos cientistas. Mas, foi por volta dos anos 70, que teve seu marco existencial nos processos sociais e econômicos com a comercialização do microprocessador. Deste advento, desenvolveram a robótica, a automação, e passou-se a buscar a lucratividade através da utilização da tecnologia (LEVY, 2010).

Ainda na esteira das inovações, o computador pessoal surgiu na Califórnia como um movimento social (Levy, 2010), deixando de ser detido apenas pelas grandes empresas ou somente utilizado pelos cientistas, afim de calcular estatísticas. Agora, essa nova tecnologia envolvia-se de vez na vida das pessoas, tendo por principal papel:

Tornar-se um instrumento de criação (de textos, de imagens, de música), de organização (banco de dados, planilhas), de simulação (planilhas, ferramentas de apoio à decisão, programas de pesquisa) e de diversão

(jogos) nas mãos de uma proporção crescente da população dos países desenvolvidos. (LEVY, 2010, p. 32).

Com o passar do tempo, quando a tecnologia deixou de ser reconhecida apenas como artefato do campo científico, comercial, financeiro e industrial, isso já nos anos 80, tornando-se ferramenta de áreas como comunicação e de mídia, o cenário da contemporaneidade passou a ser visualizado não só pelos visionários dos anos 60. Iniciando na música através da digitalização, posteriormente acontece a revolução dos microprocessadores e da memória digital, afim de alcançar a grande massa tocada pela indústria de comunicação. O PacMan, por exemplo, foi o marco da “invasão” da tecnologia chegando por meio dos games. Assim como a criação dos hipertextos e do CD-ROM que surgiram em decorrência desta evolução.

Para Levy (2010), o virtual pode ser considerado sob três sentidos, o que se deve tomar cuidado ao tratá-los, pois pode acontecer confusão a respeito do que se entende de cada um deles, são eles: filosófico, corrente e técnico. No sentido filosófico é uma versão da realidade, mas submetida a priori, antes de ser no mundo real. O termo virtual na concepção corrente é tido no sentido contrário do filosófico, então como algo irreal.

Já o termo “ciberespaço” apareceu pela primeira vez na obra de William Gibson intitulada como *Neuromancer*, de 1984. No cenário do romance “esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre multinacionais, palco de conflitos mundiais [...]” (LEVY, 2010, p. 94), e assim segue dizendo que, “a exploração do ciberespaço coloca em cena as fortalezas de informações secretas protegidas pelos programas ICE, ilhas banhadas pelos oceanos de dados que se metamorfoseiam [...]” (LEVY, 2010, p. 94).

Segundo Levy, hoje todo tipo de manifestação, seja ela política, artística, literária ou filosófica tende a considerar-se parte do ciberespaço, assim, tem-se sua própria definição para tal termo: “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LEVY, 2010, p. 94). Ainda, de forma complementar, o que também se encontra dentro dessa definição são os sistemas de comunicação eletrônicos. Ou seja, o ciberespaço para o autor é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (LEVY, 2010, p. 17). Portanto, a partir da perspectiva do autor e de sua conceituação, o termo vai além do sentido geográfico que poderia assumir,

sendo tributário do conceito de cibercultura que abrange o conjunto de práticas que se estabelece no desenvolvimento do ciberespaço.

2.3. O movimento social da cibercultura

Sabemos que desde os seus primeiros meses de vida quando ainda recém-nascido e um ser dependente dos cuidados de todas as suas necessidades, o ser humano já inicia um processo de expressão aos seus desejos. Sabemos que existe todo um mercado que é movido pelos desejos latentes e provenientes da sociedade do consumo. Bem como confirmamos a existência de um universo que é criado a partir de um simples desejo que se transforma em um produto, que é definido por um curso pelo mesmo mercado que o criou enquanto produto. Porém, igualmente sabemos que existem técnicas avançadas em despertar “naturalmente” o desejo de consumo por determinado item a venda de forma quase que instantânea em um ou dois *clicks*. Com isso, “o novo indivíduo consumista assume características líquidas e extrai a postergação do prazer de consumir e desloca-o para o imediato. Os bens duráveis perdem o brilho e a atração nessa sociedade é a rapidez” (SILVA, 2011, p. 33).

Neste contexto supracitado, exemplificamos citando o universo do mercado que envolve a maternidade. Do desejo à necessidade, criou-se uma enorme rede de indústrias, empregos, revistas, clubes, associações. É incalculável o que se pode comprar hoje sob o véu da necessidade para a maternidade. Sendo o desejo o motor de toda essa engrenagem, para Levy “as formas econômicas e institucionais dão forma ao desejo, o canalizam, o refinam e, inevitavelmente, o desviam ou transformam” (LEVY, 2010, p. 125).

O desenvolvimento do ciberespaço se dá através de modos a utilizar as infraestruturas existentes e do “desejo de comunicação recíproca e de inteligência coletiva” (LEVY, 2010, p. 126), sendo que “[...] o ciberespaço visa, por meio de qualquer tipo de ligações físicas, um tipo particular de relação entre as pessoas” (Levy, 2010, p. 126). É importante ressaltar que o acesso ao uso pessoal de computadores não foi algo pensado, mas desenvolvido por um grupo social. Lembrando que a indústria usou do movimento social californiano denominado “*Computers for the people*”, colocando o acesso aos computadores para a sociedade, quando a partir dos anos 70 as pessoas podiam comprar por preços

acessíveis e também aprender a usá-los. Tornou-se social, pois a informática foi absolutamente transformada quando deixou de ser apenas científica e intocada pela comunidade em geral. O objetivo do "movimento social visava a reapropriação em favor dos indivíduos de uma potência técnica que até então havia sido monopolizada por grandes instituições burocráticas" (LEVY, 2010, p. 127). E hoje, o que é interessante lembrar, é que pode não ser tão nobre a intenção de uma maior acessibilidade, e dos problemas que podem surgir por exemplo, em uma geração que deseja muito e que não tem condições de adquirir, sabemos também que cada vez mais cedo o acesso à internet tem chegado a ponto de bebês de menos de doze meses de vida serem diagnosticados como viciados em tecnologia. É só observar em um restaurante, muitos pais colocam aparelhos como Tablet na frente das crianças para distração enquanto alimentam-se. Se de um lado a tecnologia traz meios para facilitar a vida dos pais e dos filhos, por outro lado, o contato com a tecnologia sem cuidados e reflexão, pode gerar problemas imensuráveis e irreversíveis.

Contudo, se analisarmos a história da comunicação através da informática, veremos que ela surgiu a partir de jovens americanos metropolitanos do final dos anos 80. Em sua totalidade anônimos e interessados em melhorar as ferramentas de software, eram estudantes que se dedicavam ao que viria a ser a tecnologia da informação.

Eles iniciaram esta tarefa, livres de interesse mais ambiciosos, além do objetivo de disponibilizar o acesso da tecnologia à inteligência coletiva. Este comportamento nos lembra os anos 60, quando Licklider deu início às discussões de colocar os computadores o acesso à inteligência coletiva, e não esquecer de que a Internet é "um dos mais fantásticos exemplos de construção cooperativa internacional, a expressão técnica de um movimento que começou por baixo, constantemente alimentado por uma multiplicidade de iniciativas locais" (LEVY, 2010, p. 128). Tendo em vista que o ciberespaço se desenvolveu dentro de intensões de jovens despreziosos, ou melhor, de jovens que não visavam nada além de liberdade de acesso, e com isso, gerando conseqüentemente o desenvolvimento dessas ferramentas para o uso comum. Estamos falando de uma época, em que o poder não era o propósito final, diferentemente de quem realmente detinha esse poder no sentido de acesso às tecnologias. Sobre esse grupo de jovens como um movimento social Levy (2010) afirma:

Assim como a correspondência entre indivíduos fizera surgir o “verdadeiro” uso do correio, o movimento social que acabo de mencionar inventa provavelmente o ‘verdadeiro’ uso da rede telefônica e do computador pessoal: o ciberespaço como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável, no qual cada ser humano pode participar e contribuir. (LEVY, 2010, p. 128).

Pierre Levy levanta a questão da contemporaneidade e do “impacto” da tecnologia na vida de todos que circundam o globo terrestre no intuito de “compreender as novas formas de comunicação transversais” e “reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos” (LEVY, 2010, p. 12), afim de compreendê-las dentro de uma perspectiva humanista. Para Levy, é falsa crença de que a cibercultura cave o verdadeiro abismo entre os mais ricos e os mais pobres, também afirma que admirar, analisar e refletir sobre este salto de desenvolvimento não está o tornando um amante do capitalismo e adorador da exploração dos pobres. Concluindo, para o autor é sensato que a questão da exclusão é real, mas operar no sentido da compreensão não significa que se compactue com ela ou que esteja a seu serviço (LEVY, 2010).

Vale ressaltar que para o autor “não são os pobres que se opõem à Internet – são aqueles cujas posições de poder, os privilégios (sobretudo os privilégios culturais) e os monopólios encontram-se ameaçados pela emergência dessa nova configuração de comunicação” (LEVY, 2010 p. 13). Por outro lado, existe um interesse desmedido no consumo da população, seja da parte pobre ou de uma pequena minoria, todos são consumidores perante alguma empresa ou algum produto especificamente pensado para atingir o maior número possível de pessoas. Como explícito no fragmento a seguir a respeito da intenção que por trás manipula os desejos e os medos:

O crescimento exponencial dos assinantes da Internet no final dos anos 80 é nitidamente anterior aos projetos industriais de “multimídia”, assim como é anterior às palavras de ordem políticas de “supervias da informação”, que foram manchete no início dos anos 90. Esses projetos oficiais representam tentativas de tomada do poder por parte dos governos, das grandes indústrias e das mídias sobre um ciberespaço emergente, cujos verdadeiros produtores inventam – muitas vezes de forma deliberada – uma civilização frágil, ameaçada, que eles desejam que seja nova e cujo programa agora vou detalhar (LEVY, 2010, p. 129).

Se partirmos da concepção de que as mídias de comunicação são o próprio meio, portanto, no processo comunicativo são as primeiras a aparecer, e se não

fosse a mensagem que elas carregam a própria tecnologia não teria razão de ser/sentido (SANTAELLA, 2003, p. 25). Portanto, as novas tecnologias em conjunto com as novas formas de comunicação proveniente das primeiras, trazem uma profusão de mudanças na cultura em geral.

Até certo ponto, já sabemos que existe uma real influência da tecnologia na própria cultura. Ainda não sabemos ao certo qual é o seu alcance, mas podemos perceber que “a humanidade, como um todo, sempre apresenta um *Zeitgeist*, um espírito do tempo, no sentido de que há algumas questões que surgem, em determinada época, descrevendo o itinerário cultural, filosófico e conceitual” (KUSSLER, 2015, p 188). Tal ideia nos traz um apontamento relevante, este nos mostra que a questão pertinente da cibercultura pode nos revelar traços da própria realidade: existe uma influência na cultura oriunda das novas tecnologias e consequentemente nas novas formas de comunicação, com elas todas as esferas da vida do homem contemporâneo é atingida, de modo que a própria cultura é alcançada e transformada. Com isso, trataremos a partir de agora de uma tentativa de transcorrer sobre a interação da tecnologia na sociedade, mais especificamente a partir do terceiro capítulo, quando as redes sociais tomam como nova forma de comunicação as relações contemporâneas.

Se pensarmos à luz da contemporaneidade não nos escapa tratar da interação da tecnologia na sociedade. Fala-se muito comumente a expressão “impacto das novas tecnologias nas novas formas de comunicação”, a utilização da metáfora “impacto” sobre a tecnologia, porém não é apropriada (LEVY, 2010), considerando tal expressão como relacionada ao que atinge algo e foge do que é humano. Porém, toda mudança que afeta a realidade e de que falamos é relacionada ao aspecto humano, por maior que seja o avanço tecnológico, o que é afetado é o humano. As esferas que são atingidas pela avalanche da mudança são sentidas diretamente pelos homens. É por meio do “desenvolvimento estratégico das tecnologias da informática e comunicação terá, então, reverberações por toda a estrutura social das sociedades capitalistas avançadas” (SANTAELLA, 2003, p. 23). Ou seja, é a estrutura social que é afetada, também a sua importância, refletindo sobre, percebemos que não é algo afastado do homem.

Conceito entre tantos, envolto nas novas formas de comunicação assim como o “impacto” das novas tecnologias em nossas vidas, também é comum nos referirmos ao conceito de “invasão” da Internet, nos referimos aqui a “invasão”, já

que, parece que a Internet tomou conta dos dias, dos horários vagos, dos minutos vazios. A conexão via celular é constante, diferentemente de pouco tempo atrás em que ainda era necessário buscar algum lugar para acessar a internet, hoje no bolso, em qualquer lugar existe uma “necessidade” de estar conectado de alguma forma, seja se colocando como protagonista criando um post ou comentando os de outras pessoas. O conceito de invasão também parece ter um duplo sentido, sendo que, quando algo é invasivo, o outro não tem à vontade ou intensão de se deixar tomar conta, que é o que se subentende pelo conceito, porém, não sabemos ao certo o quanto tem a ver com as redes, concluindo que ninguém é forçado a criar uma conta em alguma rede social.

Nas teorias da comunicação sempre houve uma tradição de que a forma que a mensagem era transmitida e o seu conteúdo eram díspares, foi somente após McLuhan trazer à tona em sua obra “O meio é a mensagem” (1964) que, como o título impunha, defendia que o meio é a mensagem. Por esse motivo, sabemos hoje que a mensagem é trazida como meio, portanto, vale ressaltar a importância de refletirmos profundamente sobre as complexidades semânticas e semióticas do conceito de mídia (SANTAELLA, 2003), ao nos remetermos à essência destes, ligados a cibercultura, conseguiremos navegar nas águas conceituais constituintes das novas formas de comunicação.

CAPÍTULO 3: A CULTURA DIGITAL E O CONCEITO DO ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM

A obra *As Mulheres que correm com lobos* de Clarissa Pinkola Estés é conhecida e difundida entre grupos de mulheres que estudam o feminino com o objetivo de reconhecer-se através da compreensão dos mitos. Ressaltamos que a obra analisada apresenta, como intuito principal, através dos mitos, do simbólico e da linguagem metafórica, compreender a natureza da mulher. Portanto, defende-se que o estudo dos mitos permite conhecer melhor os homens (ELIADE, 1979). O interesse pelo símbolo surgiu como uma necessidade após a primeira guerra mundial, quando superada a cientificidade filosófica e pela retomado do interesse no religioso, veio então à tona, experiências que variavam entre o ocultismo e surrealismo (ELIADE, 1979).

O símbolo é a melhor expressão possível de algo relativamente desconhecido, pois ele representa por imagens, experiências e vivências, que incluem aspectos conscientes e inconscientes, isto é, desconhecidos da consciência. (SERBENA, 2010, p. 77 *apud* Jung, 1986).

De modo geral, as metáforas são capazes de explicar a própria cultura da mulher. O mito é fundamental aqui, já que ele é capaz de transmitir o papel da mulher no mundo contemporâneo, enquanto forma discursiva metafórica. Bem como refletir a carga cultural presente no contexto histórico dos mitos.

O conceito do arquétipo⁵ da Mulher Selvagem surgiu com o estudo de Clarissa Pinkola Estés⁶ a partir da observação da biologia dos animais selvagens, dentre eles, os ursos, os elefantes, os pássaros, e os lobos. Todos estes têm, segundo a autora, características idênticas a psique instintiva da mulher, mas foi especificamente, frente à análise dos lobos das espécies *Canis lupus* e *Canis rufus*, que o conceito do arquétipo da Mulher Selvagem desvelou-se. Definindo assim, o título do livro *Mulheres que correm com os lobos*. Utilizaremos este como referência para discutir o conceito do arquétipo da Mulher Selvagem. Tal obra é reflexo de trabalhos desenvolvidos pela autora durante seu doutorado em psicologia

⁵ Conjunto de imagens de ações repetidas por gerações passadas que ficam armazenadas no inconsciente coletivo. Os instintos básicos permanecem velados pela consciência civilizada afirmando-se indiretamente com sintomas físicos, como por exemplo, num lapso de memória. O homem não tem liberdade até ter acesso consciente dos mecanismos do inconsciente. (JUNG, 2008).

⁶ Clarissa é doutora em estudos multiculturais e psicologia clínica pelo The Union In e analista junguiana.

etnoclínica (estudo da psicologia clínica na etnologia, e no estudo de tribos), no pós-doutorado em psicologia analítica, e também da sua vasta experiência como contadora de histórias, poeta e artista.

Na obra, a autora delinea o seu percurso rumo ao encontro da essência do conceito de Mulher Selvagem em sua vida e através da linguagem discursiva metafórica, descrevendo sua jornada de origem hispano-mexicana, em que fora adotada por uma família que chama afetuosamente de “húngaros impetuosos”.

A autora vem de uma geração posterior à Segunda Guerra Mundial, onde as mulheres foram perseguidas, ignoradas, aprisionadas, como se fossem meras imagens passíveis de serem apagadas pelo *Photoshop* em uma foto ou em um quadro sem importância alguma, período em que as mulheres eram “[...] infantilizadas e tratadas como propriedade [...] A mulher que se enfeitava despertava suspeitas. Um traje ou o próprio corpo alegre aumentava o risco de ela ser agredida ou de sofrer violência sexual”. (ESTÉS, 1994, p. 17).

Em *A dominação Masculina*, Pierre Bourdieu ainda nos esclarece: O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e divisão sexualizantes. (BOURDIEU, 2003, p. 18). Contudo, sabemos que a determinação de gênero é determinante na história da cultura.

Falamos de uma época em que o diagnóstico da histeria⁷ era utilizado em detrimento das mulheres e que a punição era dada como exemplos para que outras mulheres não cometessem os mesmos “erros”. É época em que os pais tinham uma permissão social, tanto de agredir seus filhos sob a desculpa da severidade, quanto as mulheres que sofriam de graves torturas e que acabavam em colapsos nervosos. Contamos com o exemplo de Camille Claudel, que fora internada em um manicômio a força, a pedido de seus pais, e lá permaneceu sem diagnóstico plausível por quase 30 anos:

Quando Camille transgrediu os estereótipos de gênero de sua época, revelou mecanismos de poder que fabricam esses estereótipos. Era um exemplo perigoso para outras mulheres. Portanto, tentaram “corrigir” violentamente sua anormalidade. O que define o anormal é que ele constitui, em sua existência mesma, a transgressão de leis invisíveis da sociedade, leis que são naturalizadas. (NÃO ME KAHLO, 2016, p. 21 apud LIMA, 2015).

⁷ “(...) embora hoje a medicina não mais reconheça a histeria feminina, as expressões de raiva das mulheres continuam a ser associadas a seu ciclo reprodutivo e à sexualidade.” (NÃO ME KAHLO, 2016, p. 21).

Além do mais, todas as formas de violência sobre a mulher eram atos justificados através da cultura proeminente. Eram mulheres prensadas em cintas, aprisionadas em roupas apertadas, amordaçadas nos 'bons modos' sendo consideradas 'certas', enquanto as mulheres que fugiam destes aprisionamentos eram amordaçadas como 'as erradas'.

Como enfatiza Bourdieu: “Essa espécie de confinamento simbólico é praticamente assegurada por suas roupas (o que é algo mais evidente ainda em épocas mais antigas) e tem por efeito não só dissimular o corpo chamando-o continuamente à ordem [...]” (BORDIEU, 2002, p. 19). E isso não soa familiar para nós mulheres, até mesmo nos dias de hoje, as 'erradas' não são as consideradas 'rebeldes' e as 'certas' não são as 'belas, recatadas e do lar⁸'.

Atualmente o feminismo via internet sofre em comparação com a militância não virtual, sendo alvo de críticas contra a sua eficácia e também considerado um movimento frívolo. (NÃO ME KHALO, 2016). Contudo, existe hoje uma militância feminista via Internet e redes sociais que visa buscar uma revisão desses preceitos antiquados imbuídos de preconceito e totalmente voltados para o adestramento.

Esse feminismo virtual, mesmo sendo criticado, é uma forma eficiente de gerar uma movimentação de massa social.

Já na obra *Imagens e símbolos* (1979), do respeitado filósofo romeno Mircea Eliade (1907 - 1986), encontramos a afirmação de que por meio da literatura é possível expressar o reconhecimento dos arquétipos (ELIADE, 1979). E é por meio da linguagem metafórica que Clarissa vai tecendo a sua percepção de mundo, seu deslumbramento pela busca do conhecimento da essência da mulher e pela própria natureza. A seguir, podemos perceber essa representação transversalmente enquanto ela narra o próprio contato com a natureza, quando cercada de bosques, pomares e campos, desenvolvia as suas características essenciais, esteta, contemplativa, curiosa, observadora e perplexa com o que a natureza é capaz de ensinar.

⁸ Essa expressão ficou conhecida quando a esposa do presidente Michel Temer, que tomou posse após Impeachment, foi apresentada pela revista veja, causando muitas discussões a respeito do significado e dos princípios por detrás de tal juízo. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

Do mesmo modo, Eliade (1979, p.10) já retoma a importância do pensamento simbólico, sendo a expressão fundamental da cultura da sociedade. A seguir, os ensinamentos metafóricos são expostos da seguinte maneira:

Tive sorte de crescer na natureza. Lá, os raios me falaram da morte repentina e da evanescência da vida. As ninhadas de camundongos revelavam que a morte era amenizada pela nova vida. [...] Uma loba matou um de seus filhotes que estava mortalmente ferido. Para mim foi como uma dura lição sobre a compaixão e a necessidade de permitir que a morte venha aos que estão morrendo. As lagartas cabeludas que caíam dos seus galhos e voltavam a subir, arrastando-se, me ensinaram a determinação. As cócegas do seu caminhar no meu braço me revelaram como a pele pode ter vida própria. Subir ao alto das árvores me mostrou como seria o sexo um dia". (ESTÉS, 1994, p. 17).

Deste modo, podemos perceber que é por meio da linguagem e sob a forma metafórica, que a realidade dos mitos pode nos remeter a supostos ensinamentos, provenientes através da observação da natureza. Especificamente, a realidade que está por detrás dos mitos, é procedente do que teve acesso em sua infância, e por meio da sua história de vida, seu interesse atento e observador foi capaz de produzir percepções relacionais que trouxeram à luz uma voz instintiva, porém, aparentemente distante da mulher contemporânea.

Em meio a novas formas de comportamento em consequência da tecnologia, enquanto existem inúmeras inteligências coletivas que se cruzam entre si, formando novas crenças que se reestabelecem, a auto escuta, a análise e a compreensão são diretamente afetadas de modo prejudicial.

Segundo Lary Rosen em entrevista à BBC Brasil, autoridade nos estudos da psicologia da tecnologia, o ser humano tem perdido a capacidade de concentração e atingido níveis altíssimos de ansiedade⁹. É através de Eliade que podemos sustentar a importância pontual do pensamento por meio do simbólico:

O pensamento simbólico não é domínio exclusivo da criança, do poeta ou do desequilibrado: ele é consubstancial ao ser humano: precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade — os mais profundos — que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiqué; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser. (ELIADE, 1979, p. 13).

⁹ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131122_entrevista_rosen_concentracao_pai

De acordo com o liame acima exposto, compreendemos que a psique é representada por meio de imagens e símbolos, artefatos do arquétipo. Não obstante, Clarissa afirma que somos capazes de sentirmo-nos deslocados em nós mesmo, a partir de uma espécie de intuição, advindo de um sentimento de desconforto.

E por meio de uma ansiedade e reconhecendo que algo não está correto ou de acordo com os nossos sentimentos, carregamos uma espécie de desconforto interno. Somos capazes de senti-lo e assim, assistimos expressões desse desacordo com o nosso ser. Desse modo, mais uma vez a autora (ESTÉS, p. 15, 1994) nos demonstra, sob a forma de comparação com a fauna silvestre, que há uma luta pela sobrevivência e contra a extinção, como a Mulher Selvagem, que vive dentro de cada mulher, estabelecendo-se como um arquétipo que luta para sobreviver, assim como segue no excerto:

Observamos, que ao longo dos séculos, a pilhagem, a redução do espaço e o esmagamento da natureza instintiva feminina. Durante longos períodos, ela foi mal gerida, à semelhança da fauna silvestre e das florestas virgens. Há alguns milênios, sempre que lhe viramos as costas, ela é relegada às regiões mais pobres da psique. As terras espirituais da Mulher Selvagem, durante o curso da história foram saqueadas ou queimadas, com seus refúgios destruídos e seus ciclos naturais transformados à força em ritmos artificiais para agradar os outros. (ESTÉS, 1994, p. 15).

A autora fundamenta-se no liame acima exposto, quando se refere aos “refúgios e ciclos naturais” da Mulher Selvagem que foram transformados em ritmos artificiais para agradar os outros, trazendo-nos uma capacidade de tradução e de compreensão, ou seja, nos leva, como leitores, a um sentimento de identificação profunda com esse abandono e destruição, mas isso, toma uma proporção diferente hoje e no passado. Isto é, estamos assistindo diariamente movimentos femininos que estão criando corpo, onde mulheres estão ganhando força em seu discurso. Na contemporaneidade surgem grupos de mulheres que lutam para resgatarem-se, que inquietam-se, pois não desejam mais serem sufocadas, tornando-se fortes, bem como unidas. Temos na internet o exemplo do coletivo feminista Não me Kahlo¹⁰ que atinge mais de 800.000 seguidores. Por outro lado, enquanto:

A pós-modernidade desvencilha-se de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedente o contemporâneo passa a ser marcado pelo fim dos padrões, da estabilidade, da segurança e das

¹⁰ Um dos mais significativos coletivos via internet sobre o feminismo: www.naomekahlo.com.

certezas. Surge o tempo da indefinição, do medo e da insegurança. (SILVA, 2011, p. 1).

Os sentimentos negativos gerados na contemporaneidade trouxeram um novo folego. Nunca se ouviu tanto palavras como: empoderamento feminino e feminismo, dentre outras relacionadas diretamente ao ser mulher na sociedade contemporânea. Percebemos que é gritante a necessidade das mulheres se expressarem, se reconhecerem, e de sentirem-se verdadeiramente livres. Um dos fenômenos mais relevantes do virtual que se transformou em algo real em termos de denúncia, foi o caso da violência contra a mulher com a criação da #meuamigosecreto. Tal tag gerou mais de 63.000 denúncias no “disque-denúncia” da Secretaria de Políticas da Mulher, totalizando 40% a mais do que no ano anterior. (KAHLO, 2016). As mulheres, enfim, perceberam que estavam presas em suas casas e profissões como nos comerciais dos anos 50¹¹ e hoje estão lutando fortemente para saírem de tudo o que as fazem prisioneiras.

A briga de hoje é diretamente relacionada a liberdade e o selvagem. O selvagem denominado pela autora em questão, está ligado ao que é essencialmente livre e principalmente natural, sabemos também que essa busca pela liberdade das mulheres é absolutamente válida: porque hoje as mulheres lutam em prol de seus direitos que não condizem com o tempo que estamos vivendo hoje, por exemplo, a simples liberdade, que está em, poder escolher as suas próprias roupas. É interessante o quanto essas palavras escritas soam tão diferente, do que no discurso traiçoeiro, que coloca a culpa do estupro na vestimenta da vítima¹².

Ainda precisamos de muita reflexão sobre os problemas que envolvem o momento em que vivemos, mas é através da aceitação da importância dos mitos e da leitura que se faz dos arquétipos, que construímos um primeiro passo que é dado para tornar possível a reflexão verossímil:

Começa hoje a compreender-se uma coisa que o século XIX nem sequer podia pressentir: que o símbolo, o mito, a imagem, pertencem à substância da vida espiritual, que se pode camuflá-los, mutilá-los, degradá-los mas que nunca se poderá extirpá-los. Valeria a pena estudar a sobrevivência dos grandes mitos ao longo de todo o século XIX. (ELIADE, 1979, p. 12)

¹¹ <https://liveunderconstruction.wordpress.com/2011/02/02/machismo-em-propagandas-vintage/>

¹² É comum, nas discussões sobre um estupro via rede social, uma dicotômica posição que sempre acusa a vítima mulher como a própria culpada pelo crime contra ela.

Sobre o excerto acima, conclui-se que “a história comparada das religiões abriu um campo inédito de pesquisa para o estudo do ser humano no mundo” (SOUZA, 2016, p. 99), ou seja, a concepção de ser humano está relegada ao simbólico e sagrado que têm nele, do mesmo modo que os mitos são essenciais para tal reconhecimento. Na sociedade contemporânea encontramos discussões que tem surgido a partir da indignação sobre determinados preceitos contra a liberdade das mulheres, que de repente deixaram de ser silenciosamente aceitos pelas mulheres, e tornaram-se explicitamente múltiplas vozes que militam a favor de uma sociedade mais justas, e com os direitos simplesmente iguais, onde a violência contra a mulher, é crime sim, não sendo aceito de forma silenciosa e consentida por todos, inclusive pelas próprias mulheres: “Acreditamos que a internet é, sem dúvida, uma plataforma de extrema importância para a disseminação e pulverização de conteúdo feminista. E o maior exemplo que podemos citar deste engajamento virtual e de seu impacto na vida das mulheres se deu através da #MeuAmigoSecreto”. (NÃO ME KAHLO, 2016, p. 14).

Uma discussão muito presente no mundo virtual é a padronização da mulher. Algo que no trabalho de Clarissa, encontramos também em tom de denúncia contra uma forma de violência às mulheres. Algo que vem de muito tempo, mas é atual, já que, sabemos que os padrões que são impostos as mulheres desde sempre tem sido algo que requer atenção. Em sua obra há uma reflexão acerca do arquétipo instintivo feminino, demonstrado no trecho a seguir, onde novamente por metáfora apresenta-se a falta de consideração às mulheres mais velhas, assim como na má reputação daquilo que é selvagem:

Não é por acaso que as regiões agrestes e ainda intocadas do nosso planeta desaparecem à medida que fenece a compreensão da nossa própria natureza selvagem mais íntima. Não é tão difícil compreender por que as velhas flores e as mulheres velhas não são consideradas reservas de grande importância. Não há tanto mistério nisso. Não é coincidência que os lobos e coiotes, os ursos e as mulheres rebeldes tenham reputações semelhantes. Todos eles compartilham arquétipos instintivos que se relacionam entre si e, por isso, têm a reputação equivocada de serem cruéis, inatamente perigosos, além de vorazes. (ÉSTES, 1994, p. 15).

Portanto, é por meio dos animais e da natureza, e de tudo proveniente dela, que a autora estabelece como característica inerente do que é selvagem e que tenham da mesma forma, a semelhança de sua reputação: assim como os lobos, e

os animais selvagens como um todo, também são as mulheres que sofrem da má reputação. Sofrem com o estigma pejorativo do que é ser selvagem. Neste momento vale ressaltar o que envolve da questão de que “cada ser histórico transporta consigo uma grande parte da humanidade anterior à História” (ELIADE, 1979, p. 13). Contudo, percebemos que há uma visão equivocada sobre o que é natural, sendo que natural pode ser selvagem, como exemplo, o envelhecer. Envelhecer é algo absolutamente natural, sendo que ninguém que esteja vivo escapa desse processo biológico.

Hoje, na sociedade do consumo, do imediatismo, do self, das fotos a cada instante, a cada refeição, quase que a cada passo dado no dia-a-dia, nas redes sociais e em todas as mídias sociais como o *Instagram*, por exemplo. A imagem ganhou uma importância em si, nunca antes alcançada. De fato hoje ‘a imagem fala mais que mil palavras’.

Para a Clarissa Pinkola Estés, o que é considerado velho é simplesmente descartado, sem valor, sem utilidade, sem conveniência. Novamente, encontra-se uma semelhança com o que é velho na natureza, os velhos animais, as velhas flores e florestas, assim como as velhas mulheres. Portanto, as mulheres têm arquétipos instintivos semelhante à natureza, e aos animais selvagens. Retomando o argumento de Eliade, no sentido do encontro com natureza, em que o homem se vê díspar de uma animalidade reconhecida:

Começa hoje a ver-se que a parte histórica de todo o ser humano não se vai perder, como se pensava no século XIX, no reino animal e, ao fim e ao cabo na Vida, mas, pelo contrário, bifurca-se e eleva-se muito acima dela: esta parte histórica do ser humano tem, tal como uma medalha, a marca da memória de uma existência mais rica, mais completa, quase beatífica. Quando um ser historicamente condicionado, por exemplo, um ocidental dos nossos dias, se deixa invadir pela parte não histórica de si próprio (o que lhe acontece com muito mais frequência e muito mais radicalmente do que ele imagina), não é necessariamente para regredir ao estágio animal da humanidade, para tornar a descer às fontes mais profundas da vida orgânica: imensas vezes ele reintegra, pelas imagens e símbolos que põe em marcha, um estágio paradisíaco do homem primordial (seja como for a existência concreta daquele, pois este homem primordial afirma-se sobretudo como um arquétipo impossível de realizar em qualquer existência humana). Fugindo à sua historicidade o homem não abdica da sua qualidade de ser humano para se perder na animalidade; ele reencontra a linguagem e por vezes a experiência de um paraíso perdido. Os sonhos, os sonhos acordados, as imagens das suas nostalgias, dos seus desejos, dos seus entusiasmos, etc., são outras tantas forças que projetam o ser humano historicamente condicionado num mundo espiritual infinitamente mais rico do que o mundo fechado do seu momento histórico. (ELIADE, 1979, p. 14).

É através do símbolo, dessa linguagem dos desejos que se encontra o próprio reconhecimento, proposto em sua obra. E é, no excerto a seguir, que encontramos uma crítica a psicologia tradicional trazida pela autora, fator que a levou a direcionar a sua tentativa de demonstrar a sua perspectiva racional simbólica, a partir da omissão e da superficialidade da psicologia tradicional, sobre as questões do arquétipo da mulher selvagem:

Como uma trilha que atravessa a floresta e vai cada vez diminuindo mais até quando parece se reproduzir a nada, a teoria psicológica tradicional esgota-se rápido demais para a mulher criativa, talentosa, profunda. A psicologia tradicional é muitas vezes lacônica ou totalmente omissa quanto a questões mais profundas importantes para as mulheres: o aspecto arquetípico, o intuitivo, o sexual e o cíclico, as idades das mulheres, o jeito de ser mulher, a sabedoria da mulher, seu fogo criador. Foi isso o que direcionou o meu trabalho sobre o arquétipo da Mulher Selvagem durante quase duas décadas". (ESTÉS, 1994, p. 18).

Desse modo, podemos claramente perceber que houve certo direcionamento para a reflexão acerca do arquétipo da Mulher Selvagem, a partir da questão da falha da psicologia tradicional, como apontado pela autora. Desse modo, Clarissa incita um novo olhar sobre a Mulher e no que se refere ao seu interior, e como em suas palavras acima: "o aspecto arquetípico, o intuitivo, o sexual e o cíclico, as idades das mulheres, o jeito de ser mulher, a sabedoria da mulher, seu fogo criador". E é nesse sentido, de olhar profundamente, que ela indica que o maior mal que assola o ser feminino está relacionado ao problema intermitente da tentativa de forjar a alma feminina, na tentativa da adequação de padrões falidos. Um exemplo que encontramos facilmente de um padrão falido é a definição dos papéis nas atividades doméstica: "Um estudo realizado com brasileiras de 6 a 14 anos concluiu que 81,4% delas arrumam sua própria cama, enquanto apenas 11,6% dos meninos fazem o mesmo" (KAHLO, p. 17). Muitos dos padrões que hoje, dada a sociedade contemporânea, também são determinados pela imposição do consumo, estes acabam por engessar ainda mais o feminino. Além do mais, os desejos são condicionados externamente e cultiva-se uma insegurança padrão e proposital:

Assim, o consumo é dividido em duas partes: de um lado o mercado desenvolvendo mercadorias muitas vezes sem finalidade, do outro o consumidor que deve permanecer em constante insatisfação. Essa insatisfação é toda hora renovada e reforçada, pois a cada produto disposto para ser consumido, deve satisfazer o consumidor temporariamente. A principal função dos produtos no contexto contemporâneo é manter o indivíduo na busca incessante da satisfação. (SILVA, 2011, p. 33).

Se na sociedade contemporânea existe um interesse em direcionar os desejos, cabe nos aqui demonstrar que a tentativa do engessamento recai sobre as mulheres quando analisamos a fragilidade de um momento tão delicado quanto a maternidade. Esse momento especial é utilizado para forjar necessidades indispensáveis, mas que não são reais. Portanto, é importante que se considere a verdadeira força de ser mulher, que vai além de toda a superficialidade proposta culturalmente através das leis do consumo. Contudo, é importante termos um olhar crítico e cauteloso quanto se trata da questão levantada pela autora em referência a busca pela “verdadeira essência”. Porque se temos de um lado uma tendência a manipular e enfraquecer o feminino, tornando-se assim a mulher uma presa mais fácil para os mecanismos do consumo, temos do outro lado uma forte construção social que tende a forjar comportamentos “naturais”, mas advindos de processos culturais machistas como forma da essência feminina. Como exemplo citado anteriormente sobre a imposição das tarefas domésticas serem determinadamente femininas.

3.1. O encontro com o arquétipo da Mulher Selvagem

Não é possível desenvolvermos um trabalho sobre Estés, sem definirmos o conceito de arquétipo tal qual é utilizado pela autora, é também embasado e compartilhado pela corrente de pensamento de Jung. Para o psiquiatra suíço C. G. Jung (1875 - 1961) “o inconsciente do homem, diferentemente de Freud, não é uma tabula rasa e sim formada por imagens e símbolos ancestrais, que são os arquétipos. (SERBENA, 2010). Encontramos na obra de Estés inúmeros conceitos que necessitam de atenção para a compreensão do caráter de sua obra. Sobre a alma feminina e chamando atenção ao objetivo oportuno para o descobrimento do ser feminino, segue:

Nem é possível dobrá-la até que tenha um formato intelectual mais aceitável para aqueles que alegam ser os únicos detentores do consciente. Não. Foi isso o que já provocou a transformação de milhões de mulheres, que começaram como forças párias na sua própria cultura. Na verdade, a meta deve ser a recuperação e o resgate da bela forma psíquica natural da mulher. (ESTÉS, 1994, p. 19).

O resgate que é proposto pela autora trata-se de redescobrir a força quem vem do feminino instintivo da psique, e isto só é possível através do nosso olhar

sobre o que os mitos e contos de fadas têm a nos ensinar, onde poderemos buscar a compreensão necessária para desvelar o que há por trás dessa natureza reclusa. Com a ajuda das histórias, mitos e contos, é possível conhecer-se, nortear-se pelo caminho do autoconhecimento destacando “as trilhas que todas estamos seguindo são aquelas do Arquétipo da Mulher Selvagem, o *Self* instintivo inato” (ESTÉS, 1994, p. 19). E quando se refere ao *Self* instintivo inato, Clarissa está denominando o que Eliade (1979) chama de inconsciente:

O inconsciente, como é designado, é muito mais poético — e nós acrescentaríamos: muito mais filosófico, mais mítico — do que a vida consciente. Nem sempre é necessário conhecer a mitologia para viver os grandes temas míticos. Os psicólogos sabem-no de sobejo, eles que descobrem as mais belas mitologias no sonho acordado ou nos sonhos propriamente ditos, vindos de seus pacientes. Porque o inconsciente não é apenas povoado por monstros: os deuses, as deusas, os heróis, as fadas também lá habitam; e, além do mais, os monstros do inconsciente são também mitológicos, uma vez que continuam a desempenhar as mesmas funções que lhes pertenceram em todas as mitologias: em última análise, ajudar o homem a libertar-se, completar a sua iniciação. (ELIADE, 1979, p. 14).

Confirmado por Eliade sobre a importância dos mitos, a compreensão de fenômenos advindos da contemporaneidade, perpassando pelo conhecimento de uma categoria de pensamento que é proposta no trabalho da Clarissa. Voltemos para uma questão essencial aqui. Eliade também compartilha de alguns conceitos com Jung, tal qual para compreendermos o conceito de Arquétipo tratado por Eliade, entenderemos como desenvolveu-se em Jung. No fragmento a seguir, conseguimos compreender o rompimento de Jung com Freud, dando início assim a constituição de sua teoria sobre os arquétipos:

O rompimento entre ambos foi selado na publicação do livro de Jung (1924/1986) “Símbolos da Transformação” no qual ele explicita suas diferenças teóricas com Freud. Basicamente, Jung amplia o conceito de libido, que passa a ser uma energia psíquica geral e não apenas de caráter sexual, como Freud a conceitua; a visão da psique e do inconsciente se modifica, pois, ela passa a não ser “uma página em branco” no nascimento e o inconsciente amplia-se incluindo uma camada constituída de estruturas e imagens comuns a toda a humanidade (os arquétipos) que se manifestam nos sonhos, mitos, religiões e contos de fadas. Devido a isso, o método de análise de casos individuais modifica-se, incluindo-se comparações dos sonhos e fantasias com elementos da mitologia universal, além das associações pessoais. (SERBENA, 2010, p. 76).

Nesse sentido, conseguimos compreender o caráter psicanalítico de Estés, quando esta, se esforça em desenvolver o conceito do arquétipo da mulher selvagem, e, não obstante, podemos agora, dar luz a linguagem metafórica e simbólica utilizada por ela. Portanto, “é um engano interpretar os produtos do pensamento analógico (sonhos, imagens, fantasias, mitos) dentro do campo da lógica analítica e linear, pois os critérios de verdade são diferentes, assim como sua estrutura e discurso”. (SERBENA, 2010, p. 77). Compartilhando com a ideia junguiana, de que a consequência desta desvalorização, segundo Serbena, é o desequilíbrio da psique. Porque justamente os símbolos são capazes de fazer a conexão entre o inconsciente com o consciente. Com isso, ressaltamos novamente através das palavras da autora, detendo-se a respeito da escolha dos termos Mulher e Selvagem:

Chamo a de Mulher Selvagem porque essas exatas palavras, mulher e selvagem, criam *llamar o tocar a la puerta*, a batida dos contos de fadas à porta da psique profunda da mulher. *Llamar o tocar a la puerta* significa literalmente tocar o instrumento do nome para abrir uma porta. Significa usar palavras para obter a abertura de uma passagem. Não importa a cultura pela qual a mulher seja influenciada, ela compreende as palavras *mulher e selvagem* intuitivamente. (ESTÉS, 1994, p.19).

O que significa é que se intuitivamente as mulheres, independentemente do idioma, são capazes de compreender naturalmente, através de um sentimento ancestral palavras como mulher e selvagem, sendo que tais vocábulos, são como um toque ou um chamado direto à psique profunda da mulher, ouvindo-as, as mulheres sentem-se novamente conectadas ao selvagem, como uma lembrança muito antiga. Essa lembrança explicitada pela autora é determinada de tal modo que:

Trata-se da lembrança do nosso parentesco absoluto, inegável e irrevogável com o feminino selvagem, um relacionamento que pode ter se tornado espectral pela negligência, que pode ter sido soterrado pelo excesso de domesticação, proscrito pela cultura que nos cerca ou simplesmente não ser mais compreendido. Podemos ter-nos esquecido do seu nome, podemos não atender quando ela chama o nosso; mas na nossa medula nós a conhecemos e sentimos sua falta. Sabemos que ela nos pertence; bem como nós a ela. (ESTÉS, p. 19. 1994).

O sentimento de pertencimento é inerente à essa força que é de movimento. Independente se essa força tenha sido depauperada, ela será reavivada novamente ao ser tocada ou chamada pelo nome. Isto porque o arquétipo da Mulher Selvagem

envolve o sentimento essencial da mulher e o que é de mais profundo que habita nela, sendo que “envolve o ser alfa matrilinear” (ESTÉS, 1994, p. 19), embora possa estar esquecido, é algo que aflora na forma de reconhecimento. É possível que esse contato com a natureza, segundo a autora, possa ser experimentado na gestação do primeiro filho, na amamentação, com cuidados dedicados aos familiares, do mesmo modo, também é possível experimentar esse contato através do ato de contemplar as belezas da natureza. Outro modo de ser tocada é através dos sons, pela música que vibra o esqueleto e aquece, anima e agita o coração, são batidas, chamados ou gritos. Surge com as palavras, frases, poemas, histórias, e no momento em que escutamos sentimos o reconhecimento de si mesmo, o nosso lugar no mundo.

E são momentos feitos de instantes, de efêmeras sensações ligadas a histórico relegados ou floridos, são tão breves e sutis que ao tocarem nos deixam devastadas a ponto de sentirmos o ser selvagem genuinamente. É segundo Clarissa, ao recuperar o que fora perdido, que o que há de selvagem se fortalece e ocorre uma perseverança em buscar o que lhe pertence e lhe é essencial. E é, a partir deste resgate que a vida das mulheres floresce criativamente, “[...] seus relacionamentos, adquirem significado, profundidade e saúde; seus ciclos de sexualidade, criatividade, trabalho e diversão são restabelecidos; elas deixam de ser alvos para as atividades predatórias dos outros; [...]” (ESTÉS, 1994, p. 21). Parece que esse é um momento da vida da mulher em que encontra o equilíbrio para ordenar as atividades de seu dia a dia e não ser consumida pelas atividades obrigatórias de modo a sugar toda a sua exuberância: “agora, seu cansaço do final do dia tem como origem o trabalho e esforços satisfatórios, não o fato de viverem enclausuradas num relacionamento, num emprego ou num estado de espírito pequeno demais” (ESTÉS, 1994, p. 21). Desse modo, podemos perceber que a descoberta da mulher selvagem é quando há uma realização por detrás de sua vida, e é nas palavras da autora:

Quando as mulheres reafirmam seu relacionamento com a natureza selvagem, elas recebem o dom de dispor de uma observadora interna permanente, uma sábia, uma visionária, um oráculo, uma inspiradora, uma intuitiva, uma criadora, uma inventora e uma ouvinte que guia, sugere e estimula uma vida vibrante nos mundos interior e exterior. Quando as mulheres estão com a Mulher Selvagem, a realidade desse relacionamento transparece nelas. Não importa o que aconteça, essa instrutora, mãe e mentora selvagem dá sustentação às suas vidas interior e exterior. (ESTÉS, 1994, p. 21).

É em sua suprema convicção que a autora descreve a importância da mulher se relacionar com a sua natureza selvagem. Possivelmente, é o momento de maior segurança no qual a mulher irá reconhecer em si mesma, onde terá a sua intuição como fonte e guia de seus passos. É essencial que as mulheres reconheçam essa força interior, e não o contrário, tentar buscar essa força que é interior e selvagem no exterior e na artificialidade, faz com que as mulheres se afastem cada vez mais de sua essência, e assim aproximando-se de relacionamentos, empregos, sentimentos aprisionadores e nocivos à saúde mental e física. É fato que Clarissa utiliza da metáfora para poder ter subsídios suficientes afim de desenvolver sua convicção, com isso tomamos como referência o seguinte conceito:

As Imagens são, pela sua própria estrutura, multivalentes. Se o espírito utiliza as Imagens para aprender a realidade última das coisas, é justamente porque esta realidade se manifesta de uma maneira contraditória e por conseguinte não poderia ser expressa por conceitos. (Sabe-se dos esforços desesperados das diversas teologias e metafísicas, tanto orientais como ocidentais, para exprimir conceitualmente a *coincidentia oppositorum*, modo de ser facilmente e, aliás, abundantemente, expresso por Imagens e símbolos). É pois a Imagem como tal, na qualidade de feixe de significações, que é verdadeira, e não uma só das suas significações ou um só dos seus numerosos pontos de referência. Traduzir uma Imagem numa terminologia concreta, reduzindo-a a um só dos seus planos de referência, é pior elo que mutilá-la: é aniquilá-la, anulá-la como instrumento de conhecimento. (ELIADE, 1979, p. 16).

Portanto, nesse sentido vale ressaltar o objetivo da escolha do termo *selvagem* e a forma discursiva e imagética em desenvolvê-lo, já que tal que não está ligado à sua má fama, nem a rebeldia pejorativa ligada a ele, mas de fato está ligado ao que é simples e natural: “em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis” (ESTÉS, 1994, p. 21). O selvagem referido neste trabalho: “essas palavras, mulher e selvagem, fazem com que as mulheres se lembrem de quem são e do que representam”, é um reconhecimento instantâneo relegado das raízes mais profundas presentes no instinto da mulher, tais palavras, mulher e selvagem “[...] criam uma imagem para descrever a força que sustenta todas as fêmeas. Elas encarnam uma força sem a qual as mulheres não podem viver”. (ESTÉS, 1994, p. 21). Dessa forma, a autora nos aponta de que modo também pode ser expresso o arquétipo da mulher selvagem no sentido dos termos:

O arquétipo da Mulher Selvagem pode ser expresso em outros termos igualmente apropriados. Pode-se chamar essa poderosa natureza psicológica de natureza instintiva, mas a Mulher Selvagem é a força que

está por trás dela. Pode-se chamá-la de psique natural, mas também o arquétipo da Mulher Selvagem se encontra por trás dela. Pode-se chamá-la de natureza básica e inata das mulheres. Pode-se chamá-la de natureza intrínseca, inerente às mulheres. Na poesia, ela poderia ser chamada de "Outra", "sete oceanos do universo", "bosques distantes" ou "A amiga". Na psicanálise, e a partir de perspectivas diversas, ela seria chamada de id, de Self, de natureza medial. Na biologia, ela seria chamada de natureza típica ou fundamental. (ESTÉS, 1994, p. 21 - 22).

A raiz desta natureza que é selvagem não depende da vertente, da teoria, do nome ou do lugar de onde vem. A mulher selvagem é uma força que está detrás da natureza psicológica instintiva da mulher, “no entanto, por ser tácita, presciente e visceral, entre as contadoras de história ela é conhecida como a natureza sábia ou conhecedora” (ESTÉS, 1994, p. 22). Também chamada de bruxa, ela é tida como uma megera, ou deusa da morte, uma virgem caída, dentre outras personificações, porém, o que importa é que esta “mulher que mora no final do tempo ou de mulher que mora no fim do mundo” é sempre uma amiga, uma mãe de todas as que procuram, das que se perderam e das que precisam. E “na realidade, no inconsciente psicóide – a camada da qual a Mulher Selvagem emana – a Mulher Selvagem não tem nome, por ser tão vasta”. (ESTÉS, 1994, p. 22).

Como conceito é a Mulher Selvagem que “cria todas as facetas importantes da feminilidade” com o objetivo que ao serem tocadas as mulheres se agarrem e não soltem, mas sob um nome. Portanto, a denominação faz parte para estarmos criando um elo, uma conexão com essa força, como considera a autora a seguir, várias denominações:

Como no início da restauração do nosso relacionamento com ela, a mulher selvagem pode se dissolver em fumaça a qualquer instante; ao lhe darmos um nome, estamos criando para ela um espaço de pensamento e sentimento dentro de nós. Assim, ela virá, se for valorizada, permanecerá. Portanto, em espanhol ela poderia ser chamada de Rio Abajo Rio, o rio por baixo do rio; La Mujer Grande, a mulher grande; Luz dei abyss, luz do abismo. No México, ela é La Loba, a loba, e La Huesera, a mulher dos ossos. Em húngaro, ela é chamada de Ö, Erdöben, Aquela dos Bosques, e Rozsomák, o carcaju. No idioma navajo, ela é Na'ashjé'ii Asdzáá, a Mulher Aranha, que tece o destino dos humanos e dos animais, das plantas e das rochas. Na Guatemala, entre muitos outros nomes, ela é Humana dei Niebla, o Ser de Névoa, a mulher que vive desde sempre. Em japonês, ela é Amaterasu Omikami, a Força Espiritual, que gera toda a luz, toda a consciência. No Tibete, ela é chamada de Dakini a força da dança que produz a clarividência dentro das mulheres. A lista continua. E ela continua. (ESTÉS, 1994, p. 22).

A compreensão da natureza da Mulher Selvagem é uma prática de psicologia essencial para se considerar como essência, “[...] sem ela, elas se calam

quando de fato estão ardendo. A mulher selvagem é seu instrumento regulador, seu coração” (ESTÉS, 1994, p. 23). Ou seja, como podemos chamar de “janela”, uma psique instintiva, colocada no sentido etimológico: *psych*, alma e *logos*, conhecimento, portanto, é o conhecimento da alma. Tanto que é o momento em que a mulher verdadeiramente passa a se conhecer e se encontrar verdadeiramente. Estar ligada a essa natureza a faz com que ela seja realmente capaz de escutar-se, reconhecendo os próprios ritmos, desbaratando os pensamentos ilusórios, tornando-se segura e presente o sentido de ser quem é. Algo que seguramente é essencial em meio ao tempo em que vivemos.

É possível identificar o caráter castrador de uma cultura em que à subordinação ao ego ou ao intelecto torna essa ligação com a psique instintiva da mulher inalcançável. “Quando são cortados os vínculos de uma mulher com sua fonte de origem, ela fica esterilizada, e seus instintos e ciclos naturais são perdidos [...]” (ESTÉS, 1994, p. 23), de modo que àquilo que geram os poderes naturais podem não se desenvolverem no que depender das condições.

Ao desenvolvermos uma leitura em materiais sobre o feminismo, nos deparamos com uma questão essencial que requer a nossa atenção, e que talvez aqui possamos compreender mais sobre a questão da apropriação de gênero. Estés, acredita que a psicologia feminina só faz sentindo dentro da dinâmica da natureza da Mulher Selvagem, ou seja, o ser saudável de uma alma não domesticada. Nesse sentido, a natureza que condiz com a conceituação está relacionada a liberdade. A seguir, a autora nos apresenta de que modo a não domesticação da mulher a tornam ela mesma:

Essa mulher não domesticada é o protótipo de mulher... não importa a cultura, a época, a política, ela é sempre a mesma. Seus ciclos mudam, suas representações simbólicas mudam, mas na sua essência ela não muda. Ela é o que é; e é um ser inteiro. [...] Por mais que seja proibida, silenciada, podada, enfraquecida, torturada, rotulada de perigosa, louca e de outros depreciativos, ela volta à superfície nas mulheres, de tal forma que mesmo a mulher mais tranquila, mais contida, guarda um canto secreto para a Mulher Selvagem. [...] Mesmo a mulher presa com a máxima segurança reserva um lugar para o seu self selvagem, pois ela intuitivamente sabe que um dia haverá uma saída, uma abertura, uma oportunidade, e ela poderá escapar”. (ESTÉS, 1994, p. 23).

A saber, a essência da mulher não muda, independente de tudo, ela será sempre a mesma. Deste modo, segundo o conceito de arquétipo junguiano, podemos compreender como este funciona “[...] se o padrão arquetípico materno

está constelado na psique, há a imagem da mãe, existindo então uma vontade ou impulso para comportamentos e atitudes de cuidado a outras pessoas e, desse modo, uma tendência a perceber o mundo sob a ótica do cuidado”. (SERBENA, 2010, p. 78). Contudo, para que sejamos capazes de alcançar o olhar sobre o arquétipo da Mulher Selvagem é fundamental o interesse pelos “pensamentos, sentimentos e esforços que fortalecem as mulheres e computam corretamente os fatores íntimos e culturais que as debilitam” (ESTÉS, 1994, p. 24), portanto, inicialmente uma compreensão sobre o conceito, e em seguida, a sua contextualização histórica se faz necessária. Mais uma vez é importante nos remeter a Eliade, que colaborará para a melhor compreensão:

E, na medida em que o homem ultrapassa o seu momento histórico e dá livre curso ao seu desejo de reviver os arquétipos, ele realiza-se como um ser integral, universal. Na medida em que se opõe à história, o homem moderno encontra as posições arquetípicas. Até o seu sono, as suas tendências orgíacas estão carregadas de significado espiritual. Pelo simples fato de encontrar no mais fundo do seu ser os ritmos cósmicos — a alternância dos dias e das noites, por exemplo, ou Inverno-Verão — ele alcança um conhecimento mais total do seu destino e do seu significado. (ELIADE, 1979, p. 35).

É fato que o homem carrega o desejo de reviver os arquétipos, mesmo nos nossos hábitos mais elementares, existe uma natureza que pulsa. Uma psicologia que não considera a força inata, acaba por velar o que a mulher tem de mais relevante em seu ser. Para que se dê início ao processo de religação com arquétipo se identifica e classifica as lacunas desse relacionamento. Desse modo, a análise dos distúrbios da psique através de comportamentos pode demonstrar o tamanho do problema, dentre eles encontram-se características a seguir:

[...] aridez, fadiga, fragilidade, depressão, confusão, de estar amordaçada, calada à força, desestimulada. Sentir assustada, deficiente ou fraca, sem inspiração, sem animo, sem expressão, sem significado, envergonhada, com uma fúria crônica, instável, amarrada, sem criatividade, reprimida, transtornada. [...] Sentir-se impotente, insegura, hesitante, bloqueada, incapaz de realizações, entregando a própria criatividade para os outros, escolhendo parceiros, empregos ou amizades que lhe esgotam a energia, sofrendo por viver em desacordo com os próprios ciclos, superprotetora de si mesma, inerte, inconstante, vacilante, incapaz de regular a própria marcha ou de fixar limites. (ESTÉS, 1994, p. 25).

A comparação com a plenitude da saúde de uma mulher assemelha-se com um lobo saudável, segunda a autora (ESTÉS, 1994, p. 26), características como ser

“robusta, plena, com grande força vital, que dá a vida, que tem consciência do seu território, engenhosa, leal, que gosta de perambular”. Porém, afastada de sua natureza selvagem a mulher tende a se transformar em algo que não é, nesse momento que entra a necessidade de voltar-se à sua essência. Para ela o contato com essa natureza aflora uma característica inata às mulheres, é a intuição que se torna seu canal de comunicação, dos desejos mais enraizados na mulher para o mundo. E estar em conexão com esse canal faz com que a visão de mundo seja mais eficaz, já que, é como se fossem vários olhos a observar, e não apenas os seus dois, mais infinitos olhos. É como se abrisse a dimensão do olhar e enxergar o mundo mais abertamente, de modo que, estar conectada com a natureza selvagem traz a cura e a sabedoria que a mulher precisa, “ela dispõe do remédio para todos os males. Ela carrega histórias e sonhos, palavras, canções, signos e símbolos. Ela é “tanto o veículo quanto o destino” (ESTÉS, 1994, p. 26). Vale ressaltar que a conexão com a natureza selvagem não está relacionada com perder a humanidade, ou reestabelecer uma socialização, mas um reestabelecer num sentido de integralidade:

Ela implica delimitar territórios, encontrar nossa matilha, ocupar nosso corpo com segurança e orgulho independentemente dos dons e das limitações desse corpo, falar e agir em defesa própria, estar consciente, alerta, recorrer aos poderes da intuição e do pressentimento inato às mulheres, adequar-se aos próprios ciclos, descobrir aquilo a que pertencemos, despertar com dignidade e manter o máximo de consciência possível. (ESTÉS, 1994, p. 26).

Quando falamos em consciência e respeito aos próprios ciclos nos referimos à pura essência do arquétipo da Mulher Selvagem, tal qual inspira as que utilizam a criatividade como fonte, exemplos como “pintoras, escritoras, escultoras, dançarinas, pensadoras, rezadeiras, de todas as que procuram e as que encontram, pois elas todas se dedicam a inventar, e essa é a principal ocupação da mulher selvagem”. (ESTÉS, 1994, p. 26). Surge aqui um novo conceito que é próprio e essencial: o inventar - que é a parte criativa da mulher ligada à sua natureza selvagem. Portanto, é a criatividade e o fazer arte que é inerente à natureza selvagem: “Como toda arte, ela é visceral, não cerebral. Ela sabe sentir, disfarçar e amar profundamente. Ela é intuitiva, típica e normativa. Ela é totalmente essencial à saúde mental e espiritual da mulher” (ESTÉS, 1994, p. 27). A partir da psicologia arquetípica e da tradição das

contadoras de história, a Mulher Selvagem é a alma da mulher, é a própria origem do feminino (ESTÉS, 1994, p. 27). É lugar onde vive o instintivo feminino.

Outra questão, é a de que os sonhos são um canal de comunicação com a Mulher Selvagem. Os sonhos são a expressão da alma, mais que isso, a própria voz do instinto arquetípico. A seguir, a autora esclarece o que é, e de onde vem, e onde podemos encontrar essa forma que se expressa, que tem voz, e podemos chamar de força, metaforicamente de estrutura que corrobora o ser mulher:

Ela é quem se enfurece diante da injustiça. Ela é a que gira como uma roda enorme. É a criadora dos ciclos. É à procura dela que saímos de casa. É à procura dela que voltamos para casa. Ela é a raiz estrumada de todas as mulheres. Ela é tudo que nos mantém vivas quando achamos que chegamos ao fim. Ela é a geradora de acordos e ideias pequenas e incipientes. Ela é a mente que nos concebe; nós somos os seus Pensamentos. (ESTÉS, 1994, p. 27)

Onde ela está presente? Onde se pode senti-la? Onde se pode encontrá-la? Ela caminha pelos desertos, bosques, oceanos, cidades, nos subúrbios e nos castelos. Ela vive entre rainhas, entre camponesas, na sala de reuniões, na fábrica, no presídio, na montanha da solidão. Ela vive no gueto, na universidade e nas ruas. Ela deixa pegadas para que possamos medir nosso tamanho. Ela deixa pegadas onde quer que haja uma única mulher que seja solo fértil. (ESTÉS, 1994, p. 27).

A saber, é importante reconhecer o arquétipo da Mulher Selvagem, encontrando essa força que é selvagem, e que é natural. Por ser selvagem, encontramos necessariamente na natureza, e fora de nosso ser, mas também encontramos internamente. Assim, esclarece-se que o que está ligado a natureza pode ser de advindo do arquétipo. Segundo, o olhar de Estés, saber como se forma e onde se encontra o arquétipo da mulher selvagem, é essencial para que possamos em determinado momento reconhecer, encontrar e percebê-la através dos sentidos - de alguma maneira. A seguir, encontramos sob o ponto de vista de Clarissa, o lugar onde vive a Mulher Selvagem:

Onde vive a Mulher Selvagem? No fundo do poço, nas nascentes, no éter do início dos tempos. Ela está na lágrima e no oceano. Está no câmbio das árvores, que zune à medida que cresce. Ela vem do futuro e do início dos tempos. Vive no passado e é evocada por nós. Vive no presente e tem um lugar à nossa mesa, fica atrás de nós numa fila e segue à nossa frente quando dirigimos na estrada. Ela vive no futuro e volta no tempo para nos encontrar agora. (ESTÉS, 1994, p. 28).

Ela vive no verde que surge através da neve; nos caules farfalhantes do milho seco do outono; ali onde os mortos vêm ser beijados e para onde os vivos dirigem suas preces. Ela vive no lugar onde é criada a linguagem. Ela vive da poesia, da percussão e do canto. Vive de semínimas e apojeturas, numa cantata, numa sextina e nos blues. Ela é o momento imediatamente

anterior àquele em que somos tomadas pela inspiração. Ela vive num local distante que abre caminho até o nosso mundo. (ESTÉS, 1994, p. 28).
As pessoas podem pedir evidências, uma comprovação da existência da Mulher Selvagem. No fundo, estão pedindo provas da existência da psique. Já que somos a psique, somos também a prova. Cada uma e todas nós comprovamos não só a existência da Mulher Selvagem, mas também a sua condição em termos coletivos. Somos a prova do inefável *numen* feminino. Nossa existência é paralela à dela. (ESTÉS, 1994, p. 28).

Todas essas figuras nos trazem de certo uma inspiração, um sentimento, uma lembrança dessa Mulher Selvagem que nos habita. Algo de difícil descrição que não por meio do empirismo, de quase impossível contato senão com as imagens, metafóricas, figuradas, quase em tom poético ou em absoluto, e é dessa maneira que a autora explora o conceito em toda sua obra. Se existe uma prova da existência da Mulher Selvagem, e a prova é a confirmação do reconhecimento de que ela é a arte, de que está presente em vários meios que contatam a psique. Do modo como a autora expressa em seu texto, podemos dizer que é inato e indispensável à vida, já que, o sentimento de vazio quando estamos distantes dela, e a vontade de encontrá-la é a prova que ela existe e é fundamental. Desse modo, as mulheres procuram se encontrar, e em seu consultório, a autora da obra em questão, traz o conceito para suas pacientes que buscam o arquétipo da Mulher Selvagem, sob a forma de histórias: nos sonhos e dos contos. Já que, o conceito está presente determinadamente na mulher durante os seus sonhos, “acompanhamos o material fornecido pelos sonhos da paciente, material que contém muitas tramas e enredos” (ESTÉS, 1994, p. 29), nos pensamentos e em suas ambições diárias, “as sensações físicas e as recordações do corpo da analisanda são também histórias que podem ser interpretadas e trazidas para o nível do consciente” (Ibid.). Ainda em trabalho com as pacientes, ela narra o processo:

Além disso, ensino uma forma de poderoso transe interativo que se aproxima da imaginação ativa de Jung — e isso também produz histórias que elucidam ainda mais a viagem psíquica da paciente. Entramos em contato com a natureza selvagem através de perguntas específicas e através do exame de contos de fadas, histórias do folclore, lendas e mitos. Na maioria das vezes, conseguimos, com o tempo, descobrir o mito ou conto de fadas condutor, que contém todas as instruções de que uma mulher necessita para seu atual desenvolvimento psíquico. Essas histórias compreendem o drama da alma de uma mulher. É como uma peça de teatro, com instruções sobre o palco, os personagens e os acessórios. (ESTÉS, 1994, p. 29).

Durante as sessões é possível identificar um conto conhecido, tal qual seja a referência do que a mulher está vivendo naquele momento, chamado de transe interativo, é um movimento de autoconhecimento através da autorreflexão. Outro ponto fundamental neste processo, é a capacidade de fazer algo, seja o que for, mas que seja relacionado com arte, “entre eles a confecção de amuletos e talismãs”. É inegável a conexão da arte com o arquétipo da mulher selvagem: “a arte é importante porque ela celebra as estações da alma, ou algum acontecimento trágico ou especial na trajetória da alma. A arte não é só para o indivíduo; não é só um marco da compreensão do próprio indivíduo” (ESTÉS, 1994, p. 29). Seberna, complementa:

Na psique há o predomínio das imagens e os arquétipos podem ser considerados como categorias da imaginação, isto é, “no domínio da mente o instinto [arquétipo] é percebido como imagens, no domínio do comportamento, as imagens são desempenhadas como instinto. O comportamento é sempre a encenação de uma fantasia” (SERBENA, 2010, p. 79 apud Hillman, 1981, p. 197).

Contar histórias também e fazer arte, na sua individualidade, tanto quem a escuta quanto quem está contando está fazendo um trabalho individual, relacionado com a arte e com a elaboração de algum problema. Dentro das histórias encontramos a ressignificação do arquétipo da Mulher Selvagem, e mesmo que “às vezes, várias camadas culturais sobrepostas desorganizam os esqueletos das histórias” (ESTÉS, 1994, p. 30), as histórias também são capazes de restabelecer o relacionamento com a Mulher Selvagem. Outra analista junguiana Barbara Black também considera que num plano individual, ao requerer o feminino negligenciado, as mulheres “estarão no caminho da integridade e, em um plano transpessoal, o lado feminino de Deus sendo redimido trará a cura e o equilíbrio que a humanidade e o planeta necessitam” (SILVA, 2014, p. 7). Podemos concluir que algo pode ter sido perdido com o passar do tempo, da tradição, mas hoje a partir de uma necessidade busca-se um resgate, um reencontro, e se há a procura é válido que haja a possibilidade de reflexão acerca do feminino hoje: “Da maioria das coletâneas de contos de fadas e mitos hoje existentes foi expurgado tudo o que fosse escatológico, sexual, perverso, pré-cristão, feminino, iniciático, ou que se relacionasse às deusas” (ESTÉS, 1994, p. 31). Trazer a tona essa reflexão é fundamental, hoje os temas referentes ao feminino estão em discussão, procurando

bons níveis de compreensão, para tanto, considerar autores que dialogam com a importância do resgate ao feminino que fora perdido é essencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltamos a colocar a importância da reflexão a partir do Arquétipo da Mulher Selvagem na contemporaneidade. Hoje é comum encontrarmos grupos de mulheres dispostas a adquirir conhecimento acerca do feminismo afim de debates que geram o empoderamento do gênero. Há uma ascensão da discussão referente aos termos empoderamento feminino e feminismo e a importância da mulher da sociedade. Houve na história grandes mulheres responsáveis pela mobilização de tais temas. Porém, hoje com os avanços não só da tecnologia, mas da Internet e dispositivos eletrônicos com tal acesso, tem-se observado uma forte corrente de discussões, principalmente entre mulheres interessadas em se reconhecer e se apropriar de seu gênero. Sendo assim, há um número crescente de *blogs*, páginas, coletivos, dentre outros meios que disponibilizam o diálogo, a discussão e, principalmente a apropriação de conceitos pertinentes para o real desdobramento destas discussões. Nesse sentido, consideramos válidas e construtivas as tentativas de se discutir temas que mobilizam o gênero feminino. Outra questão aceitável, é também os meios que se utilizam para discutir, visto que debates via redes sociais tem se tornado referências importantes em discussões fora do espaço virtual. Portanto, os debates sobre o feminino trazem inquietações a questões essenciais ao viver em sociedade na contemporaneidade.

Concluimos a partir da presente pesquisa que para pensarmos de modo geral a história da cultura, necessariamente precisamos nos remeter aos mitos, visto que estes são capazes de exprimir a própria história do homem por meio de seus símbolos e imagens (ELIADE, 1979). O pensamento que aborda os mitos sob o viés da psicanálise não é puramente místico, mágico ou de origem de devaneios, “mas uma realidade viva e uma forma de se colocar e de atribuir sentido ao mundo e que permanece atuante no mundo moderno” (SERBENA 2010). Compartilhando também da perspectiva da psicologia analítica, Eliade e Estés, a essência arquetípica encontra-se na psique que por meio dos símbolos elaboram significados. Encontramos sentido na obra de Estés, já que sentimos um reconhecimento arquetípico durante a leitura, embora subjetivo, mas conivente com a teoria da psicologia analítica.

Como projeto inicial desta dissertação, observamos várias páginas e *blogs* de mulheres para mulheres, que objetivamente são divididos em: a) mães que

utilizam dos *blogs* para compartilhar informações úteis e outros tão particulares quase uma afim da prática *voyeur*; b) mães que utilizam dos *blogs* como meio para arrecadar fundos, investidores, patrocinadores, e expõe a sua família, bem como a sua “intimidade” (por mais que a intensão da pessoa seja expor-se, sabemos que ela tem um critério para essa exposição, e que jamais saberíamos ao certo os seus limites); c) mulheres que estão fortemente ativas na militância contra inúmeras formas de racismo, preconceitos em geral; c) em todos os *blogs* encontrei outras mulheres anônimas ou não, dispostas a discutir os mais variados temas, aqui entram desde a maternidade, assuntos “fúteis”, debates sérios relacionados a política e o mais interessante para essa dissertação: a discussão referente ao papel na mulher na sociedade. Contudo, não achamos relevante focar nas páginas observadas, já que, muitas são direcionadas para o fim comercial de modo dissimulado. Como não somos coniventes com esse tipo de prática, optamos por citar apenas o coletivo Não Me Kahlo, ao considerarmos o mais honesto no sentido de debate político no Brasil atual.

Uma das discussões mais importante para o desenvolvimento deste trabalho foi então a compreensão da necessidade que essas mulheres - as que debatem e buscam esclarecer-se, sejam elas feministas ativas, mães ou “donas de casa”, todas têm algo essencialmente em comum: são mulheres e procuram se reconhecer na sociedade. Conforme Eliade já nos enunciou anteriormente, todo ser humano carrega em si a humanidade histórica (ELIADE, 1979). Portanto, existe um arquétipo vivo feminino dentro de cada mulher (selvagem) que vive a ânsia da busca por algo irreconhecível até dado momento, mas que nos parece ser o arquétipo. Para caminhararmos à uma reflexão final, ficamos com as palavras de Beauvoir, que enfatiza,

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

As discussões contemporâneas relacionadas ao gênero feminino criticam a padronização, assim como a obra de Estés. Pois cada mulher é única na sua busca do seu ‘selvagem’ que também é único. Sendo assim, que esta construção de

indivíduo seja singular, respeitando a feminilidade, o arquétipo de ser natural, puro e essencial. Fugindo então dos estereótipos alimentados por uma sociedade que padroniza e limita.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *O medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BECHER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. Um Panorama da Produção Jornalística Audiovisual no Ciberespaço: As Experiências das Redes Colaborativas. *Revista Famecos*, Porto Alegre, nº 40, dezembro de 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Tradução de Maria Helena Kühner.

_____. *A dominação masculina*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2013.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

CABRAL, Mayara K. Fragoso; DOS SANTOS, George F.; NAKASHIMA, Rosária H. R. Análise de recursos disponíveis em redes sociais: Potencialidades para a construção de web currículos. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.14, nº 03, p. 970 – 997, setembro de 2016.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra, 1999.

_____. *O poder da identidade*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Cambridge: Belknap Press, 1984.

COHN, Gabriel. O Meio e a Mensagem: Análise de McLuhan. In: COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e Indústria Cultural*, 4ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Selvagens, bárbaros, civilizados. In: *O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DIAS, Ângela & GLENADEL, Paula (Org.). *Estéticas da crueldade*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

DIETZSCH, Mary Julia Martins (Org.). *Espaços da linguagem na educação*. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 2005.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *História das crenças e das idéias religiosas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Arcadia, 1979.

_____. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *A ciranda das mulheres sábias*. Rio de Janeiro. Rocco, 2007.

_____. *A questão do sagrado – feminino*. Rio de Janeiro. Rocco, 2007.

_____. *Mulheres que correm com os lobos – mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FONSECA FILHO, Cléuzio. *História da computação: o caminho do pensamento e da tecnologia*. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2007.

GUIA MACKENZIE DE TRABALHOS ACADÊMICOS/UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. São Paulo: Editora Mackenzie, 2015.

JUNG, C. G. *Aion, estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

_____. *Aspectos do drama contemporâneo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

JUNG, C. G.; SILVA, Dora Ferreira Da, Trad.; APPY, Maria Luiza. *Os Arquétipos e o inconsciente coletivo*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LEMOS, André. *CIBER-CULTURA-REMIX* - Seminário “Sentidos e Processos” dentro da mostra “Cinético Digital”. São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005.

LEMOS, Ronaldo. Creative Commons, mídia e as transformações recentes do direito da propriedade intelectual. *Revista DIREITOGV*, v.1, n° 1, p. 181-187, maio 2005.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIMA, Daniela. "Camille Claudel: a quem serve a normalidade?" *Blog da Boitempo*, 3 nov. 2015. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/11/03/camille-claudel-a-quem-serve-a-normalidade/>>. Acesso em: 03 de julho de 2017.

NÃO ME KAHLO #MeuAmigoSecreto: *Feminismo além das redes/ Construção da feminilidade: a naturalização dos papéis de gênero*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

QUALLS-CORBETT, Nancy. *A Prostituta Sagrada*. São Paulo: Editora Paulus, 1990.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROHDEN, Cleide Cristina Scartelli. *A camuflagem do sagrado e o mundo moderno: à luz do pensamento de Mircea Eliade*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

ROTHENBERG, Rose-Emily. *A jóia na ferida: o corpo expressa as necessidades da psique e oferece um caminho para a transformação*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista Famecos*, v. 10, n. 22, p. 23-32, 2003.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. *Revista Abordagem Gestalt*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 76-82, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 de junho de 2017.

SILVA, André Luiz Barbosa da. A sociedade contemporânea: a visão de Zygmunt Bauman. *Revista Extraprensa*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 31-37, junho 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77237/81102>>. Acesso em: 20 de junho de 2017.

SOUZA, Vitor Chaves de Tipologia da Árvore Cósmica e a Hermenêutica Fenomenológica *International Studies on Law and Education* CEMOrOc-Feusp / IJI- Univ. do Porto 24 set-dez 2016. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle24/99-108Vitor.pdf>>. Acesso em 08 de junho de 2017.

TEZZA, Cristovão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum: ensaio de antropologia geral*. São Paulo: Papirus, 1996.

VILICIC, Filipe. Conheça a história do brasileiro que criou o Instagram. *Revista Exame*. 6 de outubro 2015. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/conheca-a-historia-do-brasileiro-que-criou-o-instagram/> Acesso em: 20 de Maio de 2017.

VON FRANZ, Marie-Louise. *A sombra e o mal nos contos de fada*. Trad. Maria Elci E. Barbosa. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Individuação nos contos de fada*. Trad. Eunice Katunda. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *Interpretação dos contos de fadas*. Trad. Maria Elci E. Barbosa. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

WARNER, Marina. *Da Fera à Loira: sobre contos de fadas e seus narradores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WE ARE SOCIAL Digital in 2016. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/wearesocialsg/digital-in-2016>> Acesso em: 20 de junho de 2017.